

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

IZABELLA FONSECA VELOSO

**PRETO: DUALIDADES SIMBÓLICAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA COLEÇÃO
AUTORAL DE MODA**

BELO HORIZONTE

2025

IZABELLA FONSECA VELOSO

Preto: dualidades simbólicas na construção de uma coleção autoral de moda

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Design de Moda
da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Design
de Moda.

Orientadora: Prof^ª. Dra Juliana Pontes

BELO HORIZONTE

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Érica Fonseca, por ser minha maior incentivadora desde o início da minha escolha pelo curso de Design de Moda, e por sempre investir em mim, na minha educação e nos meus sonhos. Ao meu pai, Clóvis Veloso, e à minha madrastra, Kyria Tavares, pelo constante apoio, suporte e incentivo ao longo de toda minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço também ao meu namorado, Igor Nascimento, por acreditar no meu potencial e me incentivar diariamente a construir uma carreira de sucesso, contribuindo diretamente para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha orientadora, professora Juliana Pontes, pela orientação atenta, pelas escutas generosas e pela troca constante que enriqueceram esse trabalho em todas as suas etapas.

*"Black is modest and arrogant at the same time
lazy and easy but mysterious
I don't bother you, you don't bother me."*

Yohji Yamamoto

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe o desenvolvimento de uma coleção autoral de moda centrada na cor preta, explorando suas múltiplas simbologias e significados ao longo da história e em diferentes culturas. A pesquisa parte da ideia de que o preto carrega consigo uma série de dualidades visuais e conceituais, como luto e fertilidade, tradição e futuro, sagrado e profano. A partir dessas dualidades, a coleção é elaborada dentro do conceito da marca KURO, que propõe a criação de peças exclusivamente pretas com foco em design conceitual, identidade e expressão simbólica. Como referências teóricas principais, utilizam-se os estudos de John Harvey, com a obra **Homens de Preto**, e Michel Pastoureau, com **Preto: A História de Uma Cor**, além das referências estéticas de Yohji Yamamoto, Issey Miyake e Maison Margiela. A coleção é composta por 10 *looks*, sendo 4 deles executados, e foi desenvolvida a partir de um caderno de processos que registra pesquisa e construção. O público da coleção é composto por pessoas interessadas em moda conceitual, arte, cultura e estilo atemporal, que valorizam roupas com identidade e significado, desvinculadas de tendências passageiras.

Palavras-chave: moda conceitual; cor preta; dualidades; design autoral; expressão simbólica.

ABSTRACT

This undergraduate thesis presents the development of an original fashion collection centered on the color black, exploring its multiple symbolisms and meanings throughout history and across cultures. The project is based on the idea that black carries a series of visual and conceptual dualities, such as mourning and fertility, tradition and future, sacred and profane. From these contrasts, the collection is developed within the concept of the KURO brand, which proposes the creation of exclusively black garments with a focus on conceptual design, visual identity, and symbolic expression. The theoretical foundation is based primarily on John Harvey's "Men in Black" and Michel Pastoureau's "Black: The History of a Color", as well as the aesthetic influences of Yohji Yamamoto, Issey Miyake, and Maison Margiela. The collection includes ten looks, four of which are produced, and the entire process is documented in a design notebook. The target audience consists of individuals who are interested in conceptual fashion, art, culture, and timeless style, who value garments with identity and meaning rather than fast-changing trends.

Keywords: *conceptual fashion; black color; dualities; authorial design; symbolic expression.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Moodboard</i> inspirações.....	p.10
Figura 2 - <i>Moodboard</i> referências.....	p.10
Figura 3 - Identidade visual da marca KURO 1.....	p.12
Figura 4 - Identidade visual da marca KURO 2.....	p.13
Figura 5 - Identidade visual da marca KURO 3.....	p.13
Figura 6 - Identidade visual da marca KURO 4.....	p.14
Figura 7 - Foto do processo de corte do colete.....	p.15
Figura 8 - Foto do momento de desenvolvimento das modelagens.....	p.16
Figura 9 - Foto do processo de risco do mapa de corte.....	p.16
Figura 10 - Foto do processo de corte do molde	p.17
Figura 11 - Foto do processo de risco do mapa do colete	p.17
Figura 12 - Foto do processo de costura.....	p.18
Figura 13 - <i>Moodboard</i> do look “Fertilidade e Luto”	p.19
Figura 14 - Croqui da dualidade “Fertilidade e Luto”.....	p.20
Figura 15 - <i>Moodboard</i> da dualidade “Sagrado e Profano”.....	p.21
Figura 16 - Croqui da dualidade “Sagrado e Profano”.....	p.22
Figura 17 - <i>Moodboard</i> da dualidade “Feminino e Masculino”.....	p.23
Figura 18 - Croqui da dualidade “Feminino e Masculino”.....	p.24
Figura 19 - Foto do Molde colete.....	p.25
Figura 20 - Foto do molde da calça.....	p.25
Figura 21 - Foto do molde da meia saia.....	p.26
Figura 22 - Ficha técnica colete.....	p.27
Figura 23 - Ficha técnica calça.....	p.28
Figura 24 - Ficha técnica da meia saia.....	p.29
Figura 25- Foto do colete pronto.....	p.30

Figura 26 - Foto dos detalhes do colete.....	p.31
Figura 27 - Foto da calça pronta.....	p.32
Figura 28 - Foto das costas da calça.....	p.33
Figura 29 - Foto da meia saia pronta.....	p.34
Figura 30 - Foto do look completo pronto.....	p.35
Figura 31 - Três fotos do look Feminino e Masculino completo.....	p.36
Figura 32 - <i>Moodboard</i> da dualidade “Autoridade e Submissão”.....	p.37
Figura 33 - Croqui da dualidade Autoridade e submissão.....	p.38
Figura 34 - Foto do molde da jaqueta.....	p.39
Figura 35 - Foto do molde da calça.....	p.39
Figura 36 - Ficha técnica da Jaqueta.....	p.40
Figura 37 - Ficha técnica da calça.....	p.41
Figura 38 - Ficha técnica da saia frontal.....	p.42
Figura 39 - Foto da jaqueta vista frontal.....	p.43
Figura 40 - Foto da jaqueta vista traseira.....	p.44
Figura 41 - Foto da detalhes da jaqueta.....	p.45
Figura 42 - Foto da calça pronta.....	p.46
Figura 43 - Foto das costas da calça.....	p.47
Figura 44- Foto da saia frontal pronta.....	p.48
Figura 45 - Foto do look completo pronto.....	p.49
Figura 46 - Três fotos do look da dualidade “Autoridade e Submissão”.....	p.50
Figura 47 - <i>Moodboard</i> da dualidade luxo e simplicidade.....	p.51
Figura 48 - Croqui da dualidade luxo e simplicidade.....	p.52
Figura 49 - Foto do Molde da Frente do vestido.....	p.53
Figura 50 - Foto do molde das costas do vestido.....	p.53
Figura 51 - Foto do molde das nesgas do vestido.....	p.54
Figura 52 - Foto do molde da gola do vestido.....	p.54

Figura 53 - Ficha Técnica do vestido.....	p.55
Figura 54 - Foto do vestido pronto.....	p.56
Figura 55 - Foto lateral do vestido.....	p.57
Figura 56 - Foto das costas do vestido.....	p.58
Figura 57 - Foto da gola do vestido.....	p.59
Figura 58 - Três fotos do vestido completo.....	p.60
Figura 59 - <i>Moodboard</i> da dualidade Liberdade e Repressão.....	p.61
Figura 60 - Croqui da dualidade Liberdade e Repressão.....	p.62
Figura 61 - <i>Moodboard</i> da dualidade Tradição e Futuro.....	p.64
Figura 62 - Croqui da dualidade Tradição e Futuro.....	p.65
Figura 63 - Foto do molde do casaco.....	p.66
Figura 64 - Foto do molde da calça.....	p.66
Figura 65 - Ficha técnica do casaco.....	p.67
Figura 66 - Foto do casaco pronto.....	p.68
Figura 67 - Foto do casaco pronto.....	p.69
Figura 68 - Foto de detalhes do casaco.....	p.70
Figura 69 - Foto da calça pronta.....	p.71
Figura 70 - Foto do look completo.....	p.72
Figura 71 - Três fotos do look Tradição e Futuro completo.....	p.73
Figura 72 - <i>Moodboard</i> da dualidade Medo e Respeito.....	p.74
Figura 73 - Croqui da dualidade Medo e Respeito.....	p.75
Figura 74 - <i>Moodboard</i> da dualidade Ocultamento e Revelação.....	p.76
Figura 75 - Croqui da dualidade Ocultamento e Revelação.....	p.77
Figura 76 - <i>Moodboard</i> da dualidade Presença e Ausência.....	p.78
Figura 77 - Croqui da dualidade Presença e Ausência.....	p.79
Figura 78 - Painel da coleção completa.....	p.80
Figura 79 - Cartela de tecidos utilizados.....	p.80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1	Revisão de literatura.....	8
2.2.	Metodologia.....	9
2.3	Resultados.....	41
2.4	Discussão dos Resultados.....	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

O preto é uma das cores mais versáteis e carregadas de significados na moda, transcendente a culturas, épocas e contextos. Simultaneamente associado à simplicidade e à sofisticação, ao luto e à sensualidade, o preto reflete uma dualidade que se reinventa ao longo do tempo. Na Era Vitoriana foi símbolo de formalidade e pesar, marcando profundamente as normas de vestuário do século XIX, enquanto nos movimentos punk do século XX tornou-se sinônimo de rebeldia e contracultura. O preto, portanto, vai além de uma simples escolha cromática, assumindo papéis sociais, políticos e culturais que o consolidam como uma cor atemporal.

A obra **Homens de Preto**, de John Harvey (2004), destaca como o uso do preto nos trajes masculinos possui um "efeito duplo: ele te deixa fora das categorias estabelecidas pelas classes sociais enquanto cria disciplina". Essa característica ilustra como o preto, ao longo da história, transita entre a neutralidade e o impacto, sendo capaz de descontextualizar e recontextualizar significados. Em diferentes períodos, como na moda formal eduardiana ou nos uniformes militarizados do fascismo, a cor preta se conectou tanto ao poder e à elegância quanto ao perigo e à subversão.

Além da abordagem de Harvey, a obra **Preto: A História de Uma Cor**, de Michel Pastoureau (2011), fornece um aprofundamento histórico e cultural da cor preta, com um recorte europeu, evidenciando como sua simbologia foi se transformando ao longo dos séculos. Pastoureau analisa como, na Idade Média, o preto era visto de maneira negativa, associado ao pecado e à escuridão, enquanto no Renascimento passou a simbolizar status e sofisticação. Esse estudo ofereceu o embasamento para o foco no aspecto da duplicidade de sentidos que a cor preta pode assumir em cada época, permitindo uma análise detalhada das múltiplas interpretações do preto e de como ele se consolidou na moda como uma cor icônica e multifacetada.

A coleção foi criada dentro da identidade da marca KURO, uma marca de moda conceitual que nasce com o propósito de explorar a profundidade simbólica do preto como linguagem estética e narrativa. Inspirada pelo design japonês e pelo minimalismo contemporâneo, a KURO se posiciona como uma marca que valoriza atemporalidade, qualidade e significado em cada peça, priorizando o preto não como ausência, mas como presença, um espaço de expressão, introspecção e contraste.

O projeto partiu da seguinte questão: como traduzir, através do design de moda, os significados simbólicos e culturais do preto, articulando contrastes que são historicamente e visualmente marcantes? Parte-se da hipótese de que é possível criar peças que representam essas tensões por meio de modelagens, texturas, volumes e construções específicas. Cada look foi desenvolvido a partir de uma dualidade, e os conceitos foram incorporados nas formas das peças e nas escolhas técnicas e visuais.

O objetivo geral foi construir uma coleção de moda com base em pesquisa teórica e visual sobre os significados do preto na história, na cultura e na moda. Como objetivos específicos, destacam-se: investigar o uso do preto em diferentes contextos históricos e culturais; compreender a construção simbólica de dualidades dentro da linguagem visual da moda; desenvolver uma coleção autoral com estética contemporânea e referências no streetwear japonês; e apresentar parte dessa coleção por meio da produção e execução de quatro looks.

A coleção foi desenvolvida como o primeiro projeto autoral da KURO, estabelecendo sua base estética e conceitual. O nome, que significa “preto” em japonês, guia a criação de uma narrativa visual consistente, conectando moda, simbologia cultural e pesquisa histórica. A marca se volta a consumidores que valorizam peças com significado, durabilidade e identidade, fugindo de tendências efêmeras em favor de uma construção estética sólida.

Como base teórica, as obras **Homens de Preto**, de John Harvey, e **Preto: A História de Uma Cor**, de Michel Pastoureau, serviram de suporte para guiar as escolhas visuais e simbólicas da coleção. Enquanto Harvey analisa o uso do preto na moda como expressão de disciplina, apagamento e poder social, Pastoureau apresenta um panorama simbólico e histórico que permite compreender as transformações de sentido atribuídas à cor preta ao longo dos séculos. O cruzamento entre essas referências teóricas foi fundamental para orientar tanto a escrita do texto quanto o desenvolvimento visual dos looks.

A modelagem das peças foi pensada para valorizar cortes retos, estruturas amplas, desconstruções e silhuetas assimétricas, com forte influência do trabalho de Yohji Yamamoto, Maison Margiela e Issey Miyake. Cada um deles, à sua maneira, trabalha a moda como uma linguagem conceitual, questionando formas, padrões e códigos visuais. Yamamoto e Miyake oferecem uma base sólida a partir da estética japonesa, com abordagens que exploram o preto como elemento de introspecção, elegância e ruptura. Margiela, por sua vez, contribui com a noção de desconstrução e ressignificação da peça de roupa, algo que se conecta diretamente

com o projeto de representar dualidades visuais por meio do corte, da forma e da elaboração das peças.

A coleção é destinada a pessoas com interesse por moda conceitual, arte e cultura. Esse público aprecia peças que expressem significado e personalidade, que fujam de tendências rápidas e que priorizem qualidade, durabilidade e design atemporal. São pessoas que costumam viver em grandes cidades, atuando em áreas criativas, acadêmicas, culturais, tecnológicas ou autônomas, e que veem o vestir como extensão da própria linguagem e pensamento visual.

A cor preta carrega em si uma das dualidades mais antigas e simbólicas da história visual: luto e fertilidade. Em muitas culturas, especialmente no Ocidente cristão, o preto é associado diretamente à morte, à perda e à dor, uma herança que remonta à Roma Antiga, onde, já a partir do século II a.C., magistrados utilizavam roupas negras em cerimônias fúnebres. Com o tempo, essa prática se difundiu pela Europa, sendo reforçada por interpretações bíblicas que associavam o preto ao caos primordial, ao pecado e à maldição. Nesse imaginário, o preto tornou-se a cor dos inimigos, dos malvados, da noite perigosa. No entanto, em outros contextos históricos e culturais, a narrativa é oposta. No Egito faraônico, por exemplo, o preto era a cor da fertilidade, ligada ao renascimento e à promessa de continuidade. Os deuses funerários, como Anúbis, eram pintados de preto não como símbolo de destruição, mas de passagem e regeneração. A terra preta, fértil após as cheias do Nilo, inspirava o uso ritual desta cor como força vital. Nessa visão, o luto não era fim, mas transição.

A associação do preto à morte e à fertilidade também se estende ao campo espiritual, onde a mesma cor assume papéis opostos dentro da tradição cristã. Essa complexidade simbólica do preto, ora ferramenta de autoridade, ora sinal de exclusão, também se manifesta em outra dualidade marcante: o sagrado e o profano. Se por um lado a cor preta é amplamente associada ao mal e à figura do diabo nos textos e imaginários cristãos desde a Idade Média, sendo descrita por Michel Pastoureau (2011) como “a cor diabólica por excelência”, a partir do século XI, por outro, ela também assume papéis de extrema reverência e espiritualidade. A mesma cor que remete ao inferno, à perdição e à escuridão moral é utilizada, por exemplo, pelas ordens monásticas como sinal de humildade e penitência. Os monges beneditinos, tradicionalmente representados com vestes pretas, inicialmente não tinham intenção simbólica nessa escolha, ela se devia à simplicidade dos tecidos disponíveis, mas, com o tempo, a cor foi se consolidando como uma marca visual da ordem. A partir do século IX, segundo

Pastoureau (2011), textos e imagens passaram a associar sistematicamente os beneditinos ao preto, convertendo-o em sinal de recusa dos excessos e dedicação ao recolhimento espiritual. Assim, a mesma cor que foi tomada como representação do pecado se torna, em outro contexto, expressão máxima de devoção.

A presença do preto em contextos religiosos e espirituais também pavimenta o caminho para outra oposição fundamental: entre respeito e medo. A cor preta, ao longo da história, oscilou entre evocar respeito ou medo, duas emoções profundas que se cruzam frequentemente no campo simbólico. O preto foi a cor escolhida por diversas figuras de autoridade justamente por carregar consigo um senso imediato de seriedade, sobriedade e distinção. Desde o início do século XIV, como aponta Michel Pastoureau (2011), juízes, juristas e professores passaram a adotar trajes pretos, fortalecendo a associação da cor com o saber, a moral e a autoridade pública. Essa escolha não apenas delimita status, mas impunha respeito visualmente, marcando a hierarquia de quem detinha o poder do discurso e da lei. Ao mesmo tempo, em contextos distintos, o preto também despertava medo. A princípio símbolo de humildade nas vestes dos monges beneditinos, a cor ganha novos sentidos nos séculos seguintes. No século XVII, um período sombrio da história europeia, marcado por guerras, fome, miséria e declínio demográfico, o preto se torna onipresente. A população, empobrecida e abatida, via na cor uma representação da morte constante, da ausência de esperança e do castigo divino. Nesse contexto, os católicos eram orientados a usar roupas pretas, abster-se de adornos e maquiagens, reforçando um imaginário de repressão e sofrimento. O que para a elite era o “grande século”, de avanços científicos e festas luxuosas, para o povo era o “século tenebroso”, onde o preto não significava autoridade, mas medo da morte, do inferno e da ausência de futuro.

Essa presença impositiva do preto também se manifesta na relação entre autoridade e submissão. No início do século XIV, o preto começa a ser amplamente utilizado por figuras ligadas ao poder institucional, como juristas, magistrados, legistas e membros das cortes soberanas. Segundo Michel Pastoureau (2011), para essas categorias, o preto significava austeridade, virtude e seriedade, sendo por isso a cor escolhida para representar a autoridade pública, a lei e o direito. Aos poucos, esse uso se estendeu aos professores universitários e a todos aqueles que detinham algum tipo de saber ou posição de respeito. O preto passou, então, a vestir aqueles que impunham regras, julgavam, ensinavam e administravam, consolidando-se como cor da autoridade. Por outro lado, essa mesma cor foi adotada por religiosos e subordinados como um símbolo de humildade, silêncio e obediência, sobretudo

por ordens monásticas que buscavam, no preto, uma forma de apagamento do ego e de renúncia ao mundo exterior. Assim, a mesma cor expressava tanto o topo quanto a base da estrutura social: era o manto da autoridade, mas também da devoção e da submissão.

Dentro dessa estrutura hierárquica, o preto também desempenhou papel essencial na distinção entre os gêneros, abrindo espaço para a dualidade entre feminino e masculino. A consolidação do preto como símbolo de poder no vestuário masculino a partir do século XIX marca um momento central na história das distinções de gênero através da moda. Como destaca John Harvey (2004), a cor preta se tornou uma espécie de “uniforme da masculinidade moderna”, associada à seriedade, à disciplina e à autoridade moral do homem burguês. O terno escuro passou a representar um ideal de neutralidade e autocontrole, afastando-se de qualquer excesso decorativo anteriormente comum. Em contrapartida, às mulheres foi reservado um espectro cromático limitado a cores claras e delicadas, tons associados à pureza, à suavidade e à domesticidade. O preto feminino, por sua vez, era socialmente permitido apenas em situações de luto, reforçando a imagem da mulher enlutada como silenciosa e recatada. Assim, enquanto os homens utilizavam o preto como ferramenta de afirmação social e profissional, as mulheres eram excluídas dessa linguagem de poder, mantidas visualmente à margem das esferas públicas.

Paralelamente às distinções de gênero, o preto também passou a funcionar como linguagem visual ambígua entre ostentação e recato, evidenciando a dualidade entre luxo e simplicidade. Essa polissemia é especialmente evidente a partir da segunda metade do século XIV, quando a cor preta começa a ser incorporada com força pelo patriciado urbano europeu, mercadores, banqueiros e homens ligados às finanças. Esse uso não surgiu de forma espontânea: um dos fatores apontados por Michel Pastoureau (2011) é o impacto psicológico da peste negra, que abalou profundamente os valores sociais e culturais da época, promovendo uma estética mais contida. Soma-se a isso o endurecimento das leis suntuárias, que buscavam restringir o uso ostensivo de cores e adornos entre as elites. Como estratégia de adaptação a essas restrições e, ao mesmo tempo, afirmação de status, os homens ricos passaram a solicitar que tintureiros produzissem sedas e lãs negras, tecidos nobres em uma cor até então desprezada pelas classes abastadas. Assim, o preto tornou-se um código visual ambíguo: ao mesmo tempo em que comunicava sobriedade e recato, ele era, na prática, uma nova forma de ostentação.

Essa tensão simbólica entre ocultação e exibição se acentua com a transição para o mundo industrial, abrindo caminho para a dualidade tradição e futuro. A dualidade entre tradição e

futuro se revela de forma marcante na trajetória da cor preta, especialmente a partir da Segunda Revolução Industrial. Até então fortemente associado aos dândis, aos intelectuais melancólicos e aos românticos, o preto era uma cor de distinção e estilo pessoal. Com a consolidação da era industrial, essa exclusividade se dilui: o preto passa a vestir a massa trabalhadora, a ocupar o cenário urbano em expansão, e a dominar a estética das cidades. É a chegada do futuro, marcado pelo carvão, pelo ferro, pelo concreto e pelo asfalto. A sobriedade da cor preta passa a refletir não mais apenas a introspecção individual, mas o progresso coletivo. O que antes era símbolo de elegância e diferenciação, torna-se elemento do cotidiano urbano, do anonimato fabril e da aceleração do tempo. No entanto, o preto também carrega em si o peso da tradição. Como cor ritual, já era amplamente utilizado em contextos religiosos, acadêmicos e cerimoniais muito antes de sua popularização industrial. A batina do clero, a toga dos juízes, os trajes de luto e as vestes monásticas consagram o preto como símbolo de reverência, seriedade e continuidade. Assim, essa cor representa tanto a memória e a permanência, enraizada nos costumes sociais e religiosos.

A mesma cor que vestia juízes e monges atravessa agora fábricas e ruas, servindo como pano de fundo para outra oposição: repressão e liberdade. A dualidade entre repressão e liberdade pode ser visualizada, sobretudo, na forma como o preto se manifesta no vestuário relacionado ao controle e à resistência. Durante a Revolução Industrial, o ambiente fabril se tornou um dos principais cenários de apagamento visual e simbólico dos indivíduos. Os uniformes de operários, geralmente pretos ou cinza-escuros, refletiam um espaço de homogeneidade, disciplina e ausência de expressão pessoal. Nesses contextos, o preto tornava-se símbolo da funcionalidade e da submissão a um sistema rígido de produção. Como afirma John Harvey (2004, p. 307), “Acredito que o aspecto sociológico na roupa preta dos homens é seu efeito duplo: ele te deixa fora das categorias estabelecidas pelas classes sociais enquanto cria disciplina”, reforçando a ideia do preto como ferramenta de padronização e controle. Em contrapartida, décadas mais tarde, o mesmo preto é ressignificado nos corpos dos jovens punks e motociclistas, que apropriam-se da cor e da estética como forma de resistência. A jaqueta de couro preta, anteriormente associada à autoridade policial, é adotada como símbolo de rebeldia, agressividade e proteção frente às ruas. O movimento punk dos anos 60 aos 90 reinterpreta o preto como expressão de liberdade: sua dureza visual é uma forma de enfrentamento. Nesse contexto, o preto deixa de ser uniforme de opressão para se tornar expressão.

Essa jornada do preto também encontra expressão em oposições conceituais como presença e ausência. Do ponto de vista da pigmentação, o preto é entendido como a soma de todas as cores, resultado da sobreposição cromática que simboliza totalidade, completude e presença absoluta. Já sob a ótica da física da luz, ele representa o extremo oposto: a ausência completa de luminosidade, um vazio visual no qual nada se reflete. Até o século XVII, tanto o preto quanto o branco eram reconhecidos como cores dentro dos sistemas cromáticos tradicionais. Essa noção foi radicalmente transformada pela teoria da luz de Isaac Newton, que, ao propor um sistema baseado no espectro visível, excluiu o preto e o branco como cores autônomas, relegando-os a uma condição marginal. Apesar disso, nos sistemas de pigmento, como o CMYK, a mistura de ciano, magenta e amarelo produz um tom escuro que é frequentemente identificado como preto. Essa condição paradoxal, ser simultaneamente a cor de todas as cores e a ausência total delas, revela a densidade simbólica do preto, que oscila entre o absoluto e o vazio, entre a presença plena e a ausência radical.

Por fim, essa complexidade também é visível na dualidade entre ocultamento e revelação. Essa dualidade manifesta-se sobretudo nos efeitos visuais que o preto exerce no corpo e no vestuário. Conhecido como a “cor da sombra”, o preto tem a capacidade de uniformizar silhuetas, dissimular volumes e suavizar contornos, funcionando como um recurso de apagamento e neutralidade. Ao vestir-se de preto, o indivíduo pode se fundir ao ambiente, assumindo uma posição de discrição ou até mesmo de invisibilidade social. No entanto, ao eliminar a interferência das cores, o preto também desloca o foco do olhar para outros aspectos da vestimenta: a forma, a estrutura, a textura e os detalhes construtivos. Dessa maneira, o preto opera como ferramenta de revelação, permitindo que a materialidade e o corte da roupa ganhem protagonismo, evidenciando elementos que em outras condições cromáticas poderiam passar despercebidos. O preto, assim, tensiona a relação entre o que se oculta e o que se revela, entre a neutralidade da sombra e a clareza da forma.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A construção simbólica da cor preta ao longo da história é marcada por transformações profundas, atravessando domínios como a religião, o poder, o luto, o vestuário e a arte. Neste trabalho, a fundamentação teórica se baseia principalmente nas obras de Michel Pastoureau, **Preto: A História de uma Cor** (2011), John Harvey **Homens de Preto** (2004) e Juliana

Schmitt, **Mortes Vitorianas: Corpos, Luto e Vestuário** (2020), autores que abordam o preto sob diferentes perspectivas: histórica, sociológica, simbólica e cultural.

Pastoureau (2011) apresenta um panorama abrangente sobre o preto, mostrando como seu valor simbólico se modificou desde o Egito Antigo até o Ocidente cristão medieval. A partir do século XI, por exemplo, o preto passa a ser considerado a cor diabólica por excelência, refletindo o medo, o pecado e a escuridão. Ao mesmo tempo, o autor destaca os momentos em que a cor foi associada à fertilidade, ao renascimento e ao poder. Sua análise fornece subsídios essenciais para compreender como o preto pode assumir significados antagônicos em diferentes contextos históricos e culturais.

Harvey (2004), por sua vez, foca no uso do preto no vestuário masculino moderno, apontando como essa cor foi central na construção da masculinidade burguesa a partir do século XIX. O autor argumenta que o preto se tornou o “uniforme da autoridade”, sendo utilizado como estratégia visual para afirmar seriedade, disciplina e autocontrole. Ao mesmo tempo, ele reconhece o “efeito duplo” da cor: capaz de eliminar distinções de classe, mas também de impor normas comportamentais e reforçar estruturas de poder.

A essas duas abordagens soma-se a contribuição da historiadora Juliana Schmitt (2020), que analisa o uso do vestuário de luto na era vitoriana e os significados simbólicos associados à morte. Em **Mortes Vitorianas**, Schmitt (2020) demonstra como os rituais de luto no século XIX estavam fortemente codificados por normas sociais e estéticas, e como o preto foi essencial nesse processo de expressão pública do sofrimento e da perda. Para a autora, as atitudes diante da morte mudam de acordo com a época, revelando visões de mundo específicas que se refletem tanto nos comportamentos quanto nas roupas. Sua pesquisa enriquece a análise da dualidade entre luto e fertilidade, ao evidenciar como o preto foi mobilizado como marcador de ausência, finitude e memória, especialmente no universo feminino.

Esses três autores estruturaram o arcabouço teórico da presente pesquisa, permitindo investigar o preto como cor multifacetada e essencial para compreender os discursos visuais construídos ao redor do corpo. A coleção proposta parte desse referencial para traduzir, em peças de vestuário, as diversas dualidades simbólicas atribuídas ao preto – como luto/fertilidade, autoridade/submissão, tradição/futuro e repressão/liberdade – explorando as camadas de significado que se acumulam sobre essa cor ao longo do tempo.

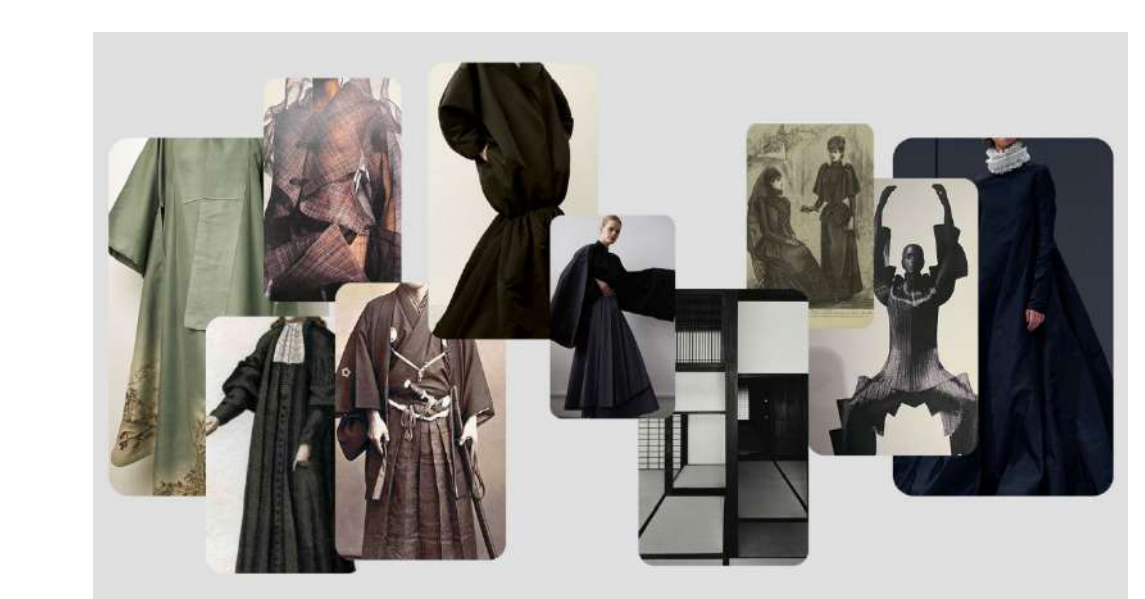
2.2 METODOLOGIA

Este trabalho utilizou uma abordagem metodológica teórico-prática fundamentada na articulação entre pesquisa teórica, investigação visual e prática projetual em design de moda. O desenvolvimento da coleção foi estruturado em três eixos principais, que se conectam para garantir rigor acadêmico e coerência criativa: o investigativo-teórico, o visual-conceitual e o projetual-executivo.

O primeiro eixo, investigativo-teórico, consistiu no levantamento e análise bibliográfica de obras fundamentais para a compreensão histórica, simbólica e cultural da cor preta, com destaque para **Preto: História de uma Cor** (PASTOUREAU, 2011), **Homens de Preto** (HARVEY, 2004) e **Mortes Vitorianas** (SCHMITT, 2020). Essas referências permitiram construir uma visão ampla da trajetória do preto, suas transformações semânticas e sociais e sua relação com o vestuário. Durante as leituras, foram realizadas marcações, anotações e fichamentos de capítulos considerados mais relevantes, servindo de base para a definição das dualidades trabalhadas na coleção.

O segundo eixo, visual-conceitual, concentrou-se na tradução das informações históricas em material imagético. Foram elaborados moodboards que reunissem o pensamento estético desejado, e além disso foram elaborados moodboards específicos para cada dualidade, reunindo símbolos, referências culturais e elementos de design que orientaram a criação. Exemplos incluem o uso dos trajes monásticos beneditinos como inspiração para a dualidade “sagrado e profano” e a representação do bode e do sátiro da mitologia grega como elementos do profano; ou ainda o *sling* como símbolo de fertilidade em contraponto ao vestuário de luto vitoriano. Além dessas referências históricas, o design japonês foi adotado como fio condutor estético, com base no trabalho de Yohji Yamamoto e Issey Miyake, aliados a aspectos tradicionais da moda japonesa. A construção de painéis visuais buscou integrar história, cultura e estética contemporânea, estabelecendo a direção artística da coleção.

Figura 1 - Moodboard inspirações



Fonte: *The Metropolitan Museum of Art, Photography in Japan* 1853-1912, o próprio autor 2025, *Vogue* 2018, *Singulart* 1827, *Harper's Bazaar Korea* 2024, *Vogue Runway* 2018, *Tokyo Art Beat* 2012, *Harper's Bazaar* 189, o próprio autor.

Figura 2 - Moodboard referências



Fonte: Moda Operandi, WWD 2014, *SlideServe* 2014, *Denim Jeans Observer* 2015, ELLE 2017, Vogue Espanha 2024, *Fashion Network* 2022, Pinterest e *Asiatorialist* 2020.

O terceiro eixo, projetual-executivo, envolveu a criação dos croquis digitais, e a tradução dos conceitos em peças de vestuário. A modelagem foi majoritariamente desenvolvida em técnica plana, com uso de moulage em elementos específicos. A confecção dos quatro looks

selecionados para execução contou com apoio de modelista e costureira, sob supervisão direta, com participação ativa na etapa de corte, costura e acabamento. A escolha dos tecidos e texturas buscou explorar a profundidade simbólica do preto, utilizando diferentes bases para ampliar o leque de caimentos e superfícies, reforçando o caráter experimental da coleção.

Essa metodologia integra a pesquisa teórica com a prática projetual, sustentando a criação de uma coleção conceitual baseada em dualidades simbólicas da cor preta. O processo estabeleceu uma narrativa coerente, em que a história e a cultura se materializam em peças que evidenciam a importância do design autoral no campo da moda contemporânea.

2.2.1 METODOLOGIA DA CRIAÇÃO DA MARCA

A coleção vislumbra-se dentro da identidade visual e conceitual da marca KURO, concebida especialmente a partir deste projeto. Nasce como uma marca de moda conceitual que enxerga o preto não apenas como cor, mas como uma linguagem simbólica e estética com profundidade. Com um posicionamento direcionado ao *slow fashion*, KURO opõe-se ao consumo acelerado e às tendências efêmeras, privilegiando peças que dialogam com design, história e cultura. A marca assume o preto como elo central de sua proposta: como presença, silêncio, contraste e potência visual.

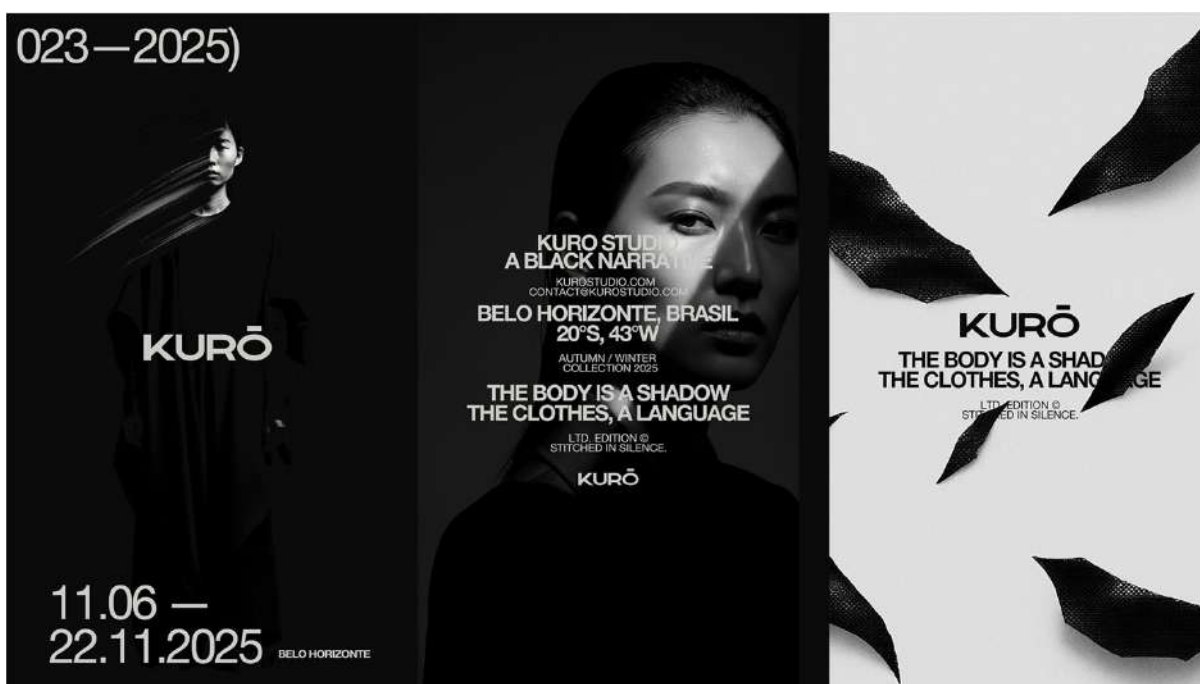
Em consonância com as etapas metodológicas do guia de branding do SEBRAE, a criação de KURO seguiu rigorosamente a definição do propósito da marca. Seu propósito reside no resgate do vestir como expressão simbólica, por meio de peças atemporais, duráveis e versáteis, que promovem um consumo consciente e um design autoral, refletindo uma percepção sustentável e *slow*. A marca comunica-se com clareza quanto ao seu posicionamento: situar-se no nicho da moda conceitual, com foco em significado e identidade, em lugar de um consumo voltado apenas à estética fugaz. Esta definição é a base de sua diferenciação no mercado, conforme orientado pelo modelo de branding estratégico.

A identidade visual da KURO harmoniza-se com essa filosofia por meio de uma estética minimalista, pautada por linhas retas, tipografia limpa e paleta restrita a preto, branco e cinza. Esta simplicidade visual visa estabelecer um diálogo imediato e coerente com os valores da marca, onde cada elemento gráfico reforça o caráter simbólico e atemporal das peças. O tom de voz adotado para sua comunicação institucional e conceitual é autoral e contemporâneo, evitando excessos poéticos, mas transmitindo profundidade e clareza. Tal escolha contribui

para a construção de uma imagem sólida e diferenciada, como afirma o SEBRAE ao enfatizar a importância da consistência visual e verbal como pilares do branding.

A proposta de valor da KURO reside justamente na oferta de roupas modernas, versáteis, simbólicas e duráveis, peças cuja relevância não se confunde com ciclos de moda passageira, mas que incorporam intenções de design com identidade e significado. O público-alvo da marca é definido não por faixa etária, mas por comportamentos: pessoas que buscam autenticidade no vestir, que tenham afinidade com arte, arquitetura, história e conforto, e que desejam se expressar através da moda. Ao estabelecer essa conexão emocional com seu público, KURO fortalece sua presença como marca que vai além do produto físico, oferecendo, como aponta o branding, experiências de vestimenta com valor cultural e pessoal.

Figura 3 - Identidade visual da marca KURO 1



Fonte: O próprio autor

Figura 4 - Identidade visual da marca KURO 2



Fonte: O próprio autor

Figura 5 - Identidade visual da marca KURO 3



Fonte: O próprio autor

Figura 6 - Identidade visual da marca KURO 4



Fonte: O próprio autor

2.2.2 METODOLOGIA DE CRIAÇÃO DA COLEÇÃO

Para cada dualidade selecionada, foi produzido um moodboard individual, contendo imagens de vestuário histórico, símbolos culturais, elementos visuais e peças de roupas. Esses painéis visuais orientaram as decisões estéticas e formais dos croquis. Elementos simbólicos foram ressignificados dentro da linguagem de moda e inseridos na modelagem, corte, proporções e seleção de tecidos.

A estética da coleção foi construída com base em referências do design japonês contemporâneo, tendo como principais inspirações os trabalhos de Yohji Yamamoto e Issey Miyake. A presença do preto como linguagem visual central e a valorização da forma e da construção são características recorrentes dessas referências, que dialogam diretamente com a proposta conceitual da marca criada para este trabalho: a KURO. O nome, que significa "preto" em japonês, guia o desenvolvimento visual e narrativo da coleção.

A modelagem das peças é majoritariamente reta, estruturada e com silhuetas amplas. Cada look traduz de maneira única os significados contrastantes atribuídos ao preto. Por exemplo, na dualidade *feminino/masculino* foi executada uma calça com saia sobreposta em referência ao contraste histórico entre o uso do preto por homens como símbolo de autoridade e sua restrição às mulheres. Já a dualidade *sagrado/profano* foi explorada por meio da justaposição entre as vestes dos monges beneditinos e a figura mitológica do sátiro. Na dualidade *autoridade/submissão*, elementos de alfaiataria e rendas foram utilizados para representar figuras da lei e da religião, ao passo que em *luxo/simplicidade*, tecidos nobres em cortes retos fazem referência à ostentação contida após o endurecimento das leis suntuárias.

Os croquis foram desenvolvidos digitalmente no *software* Procreate, permitindo maior precisão nas proporções e agilidade na edição de formas. A modelagem das peças foi desenvolvida em parceria com um modelista, sob supervisão direta da autora, com cortes feitos manualmente. As costuras foram realizadas com o apoio de uma profissional, e uma das peças teve sua manga construída por meio da técnica de *moulage*, enquanto as demais foram produzidas via modelagem plana.

Figura 7 - Foto do processo de corte do colete



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 8 - Foto do momento de desenvolvimento das modelagens



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 9 - Foto do processo de risco do mapa de corte



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 10 - Foto do processo de corte do molde



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 11 - Foto do processo de risco do mapa do colete



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 12 - Foto do processo de costura



Fonte: O próprio autor, 2025.

Para a dualidade luto e fertilidade, as principais referências foram extraídas do luto vitoriano e da simbologia egípcia. Inspirando-se nos trajes das mulheres enlutadas do século XIX, aplicou-se a anca das saias vitorianas, reinterpretada assimetricamente em uma saia de cetim. A blusa de tule, por sua vez, possui partes alongadas que cobrem mãos, rosto e pescoço, retomando o simbolismo da reclusão e do silêncio visual característicos do luto. Além disso, a transparência da blusa funciona como ponto de conexão entre as peças da coleção, o elemento da transparência se repete também no look da dualidade “luxo e simplicidade”, e na aplicação de renda do look “autoridade e submissão”. Como contraponto, a fertilidade foi representada a partir da cultura egípcia, onde o preto simboliza renascimento e força vital. A faixa transpassada no corpo faz alusão ao *sling*, instrumento de acolhimento e nutrição, incorporando a ideia de continuidade e renovação.

[illegible]

19

Figura 14 - Croqui da dualidade Luto e Fertilidade



Fonte: O próprio autor, 2025

No contraste entre sagrado e profano, o sagrado foi representado pelas vestes dos monges beneditinos, tradicionalmente pretas e associadas ao recolhimento e à humildade, por meio da aplicação de mangas volumosas em uma jaqueta. As mangas volumosas funcionam também como ponto de conexão entre outros looks da coleção, ela faz parte do look da dualidade “medo e respeito”. Já o profano se manifesta na figura do bode, animal frequentemente associado ao diabo, em especial na forma do sátiro da mitologia greco-romana. A modelagem da calça foi inspirada nas pernas curvas dessa criatura, utilizando a modelagem barril, comum no design japonês. O tecido escolhido foi uma pelúcia, evocando a textura das pernas do ser mitológico e reforçando a ambiguidade da composição.

Figura 15 - Moodboard da dualidade “Sagrado e Profano”



Fonte: Goya 1798, *Hermès Fall Ready-to-Wear 2022*, Pinterest, Yamamoto 2019, Wikimedia, *Salvem a liturgia* 2010.

Figura 16 - Croqui da dualidade “Sagrado e Profano”



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 18 - Croqui da dualidade “Feminino e Masculino”



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 19 - Foto do Molde colete



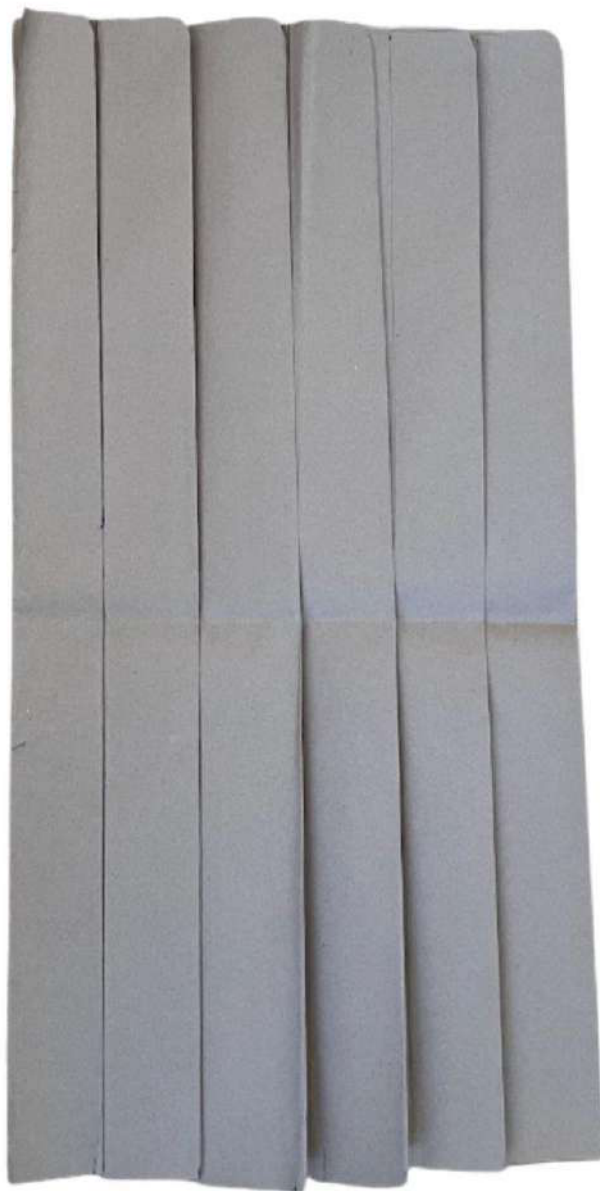
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 20 - Foto do molde da calça.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 21 - Foto do molde da meia saia.



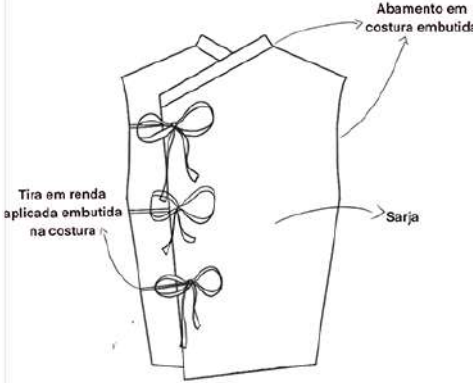
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 22 - Ficha técnica colete

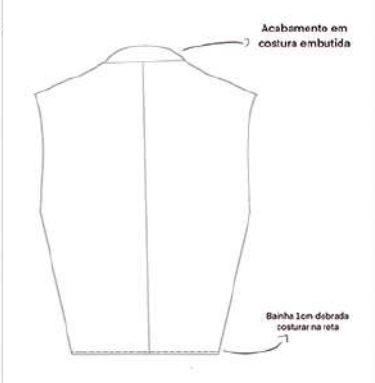
KURÔ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Colete	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Graduação	PP - GG



FRENTE



COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Sarja	100% algodão	Preto	Paranatex	1,50

Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
	Tira de renda	100% poliamida	Preto	50m x 21mm	2,52m

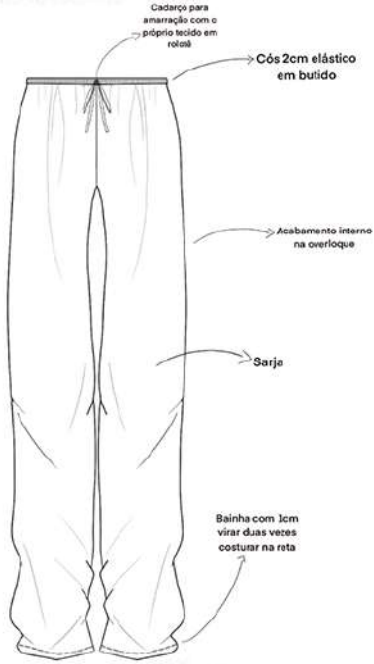
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 23 - Ficha técnica calça

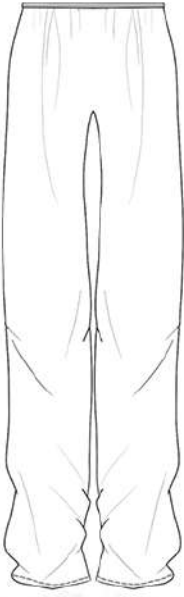
KURŌ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Calça pijama	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG



FRENTE



COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Sarja	100% algodão	Preto	Paranatex	1,50

Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
	Elástico 2,5		Branco	2,5 cm	0,8m

Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 24 - Ficha técnica saia de pregas

KURÔ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Meia saia	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG

FRENTE

COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Sarja	100% algodão	Preto	Paranatex	1,50

Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade

Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 25 - Foto do colete pronto.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 26 - Foto dos detalhes do colete.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 27 - Foto da calça pronta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 28 - Foto das costas da calça



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 29 - Foto da meia saia pronta



Fonte: o próprio autor, 2025

Figura 30 - Foto do look completo pronto



Fonte: o próprio autor, 2025

Figura 31 - Três fotos do look Feminino e Masculino completo



Fonte: o próprio autor, 2025

Na dualidade autoridade e submissão, o ponto de partida foi o uso do preto como símbolo de poder institucional nos séculos XIV e XV, representado nas vestes de juristas, professores e magistrados. Para a composição visual desse contraste, foi criado um casaco estruturado em tecido plano com calça de mesma base, adicionando uma pala frontal em tafetá que alude aos trajes solenes. As mangas bufantes remetem tanto às togas judiciais quanto às vestes monásticas, evidenciando a sobreposição simbólica entre autoridade e religiosidade. As mangas com formato arredondado também atuam como elemento de coesão dentro da coleção, o *shape* escolhido para elas remete à modelagem das calças das dualidades “tradição e futuro”, e sagrado e profano. A inserção de renda nas costas, inspirada nos detalhes decorativos usados na frente das vestimentas dos juízes, propõe uma inversão simbólica e estética da hierarquia visual, e também funciona como ponto de conexão com as tiras de renda do colete da dualidade “feminino e masculino”.

Foram utilizados três tecidos na confecção do look, um tecido plano de alta gramatura para o corpinho da jaqueta e para a calça, que conferiu às peças um caimento estruturado. Para as mangas, a saia frontal e a lapela da jaqueta foi utilizado o tafetá, que deu a estrutura ideal armada para as mangas e a saia sobreposta, além do brilho.

LOOK 3

AUTORIDADE E SUBMISSÃO

37

Figura 33 - Croqui da dualidade Autoridade e submissão



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 34 - Foto do molde da jaqueta



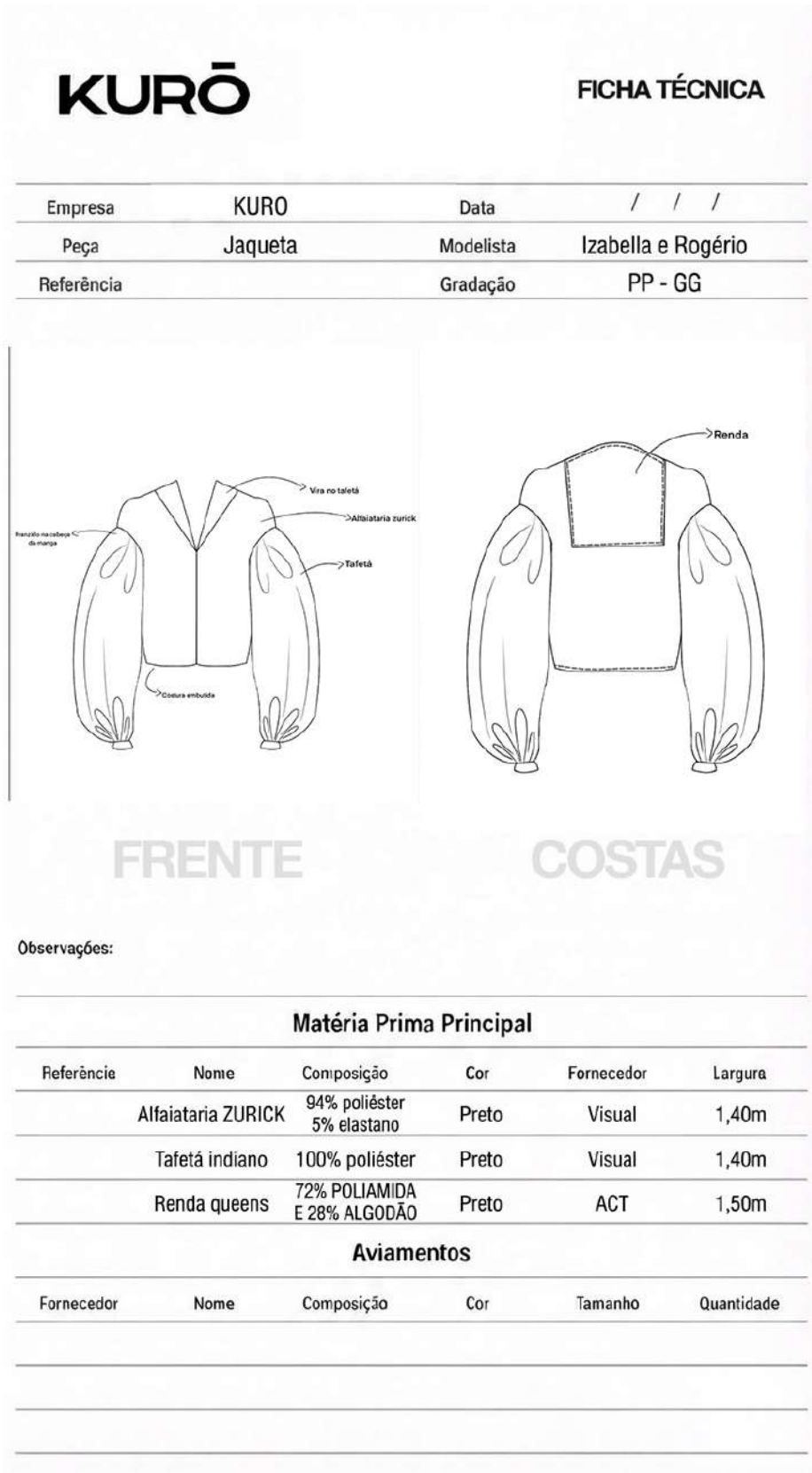
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 35 - Foto do molde calça



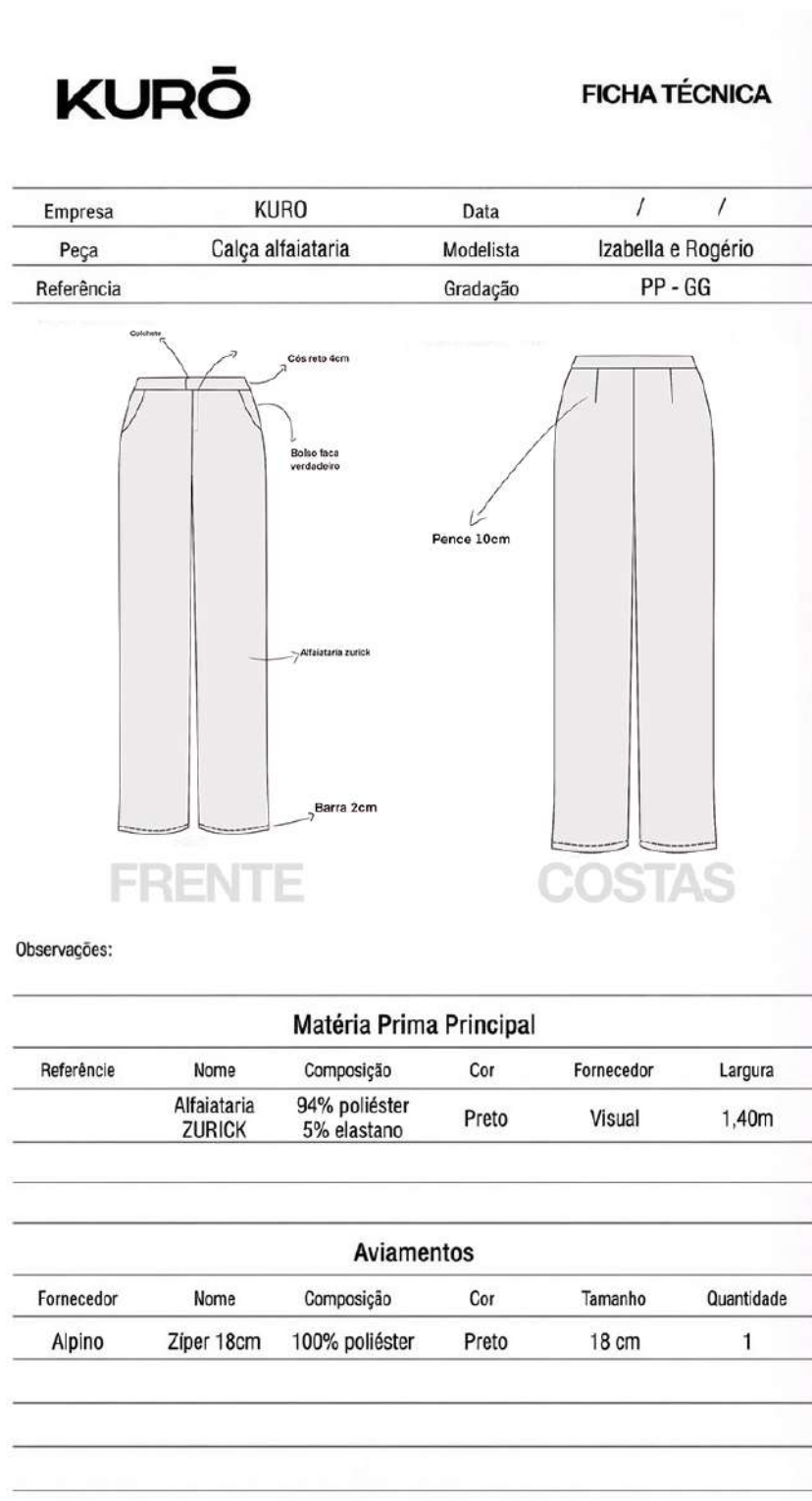
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 36 - Ficha técnica da Jaqueta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 37 - Ficha técnica da calça



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 38 - Ficha técnica saia frontal

KURÔ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Saia frontal	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG

FRENTE

COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Tafetá	100% poliéster	Preto	Visual	1,40m
Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade

Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 39 - Foto da jaqueta vista frontal



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 40 - Foto da jaqueta vista traseira



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 41 - Foto da detalhes da jaqueta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 42 - Foto da calça pronta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 43 - Foto das costas da calça



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 44 - Foto da saia frontal pronta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 45 - Foto do look completo pronto



Fonte: o próprio autor, 2025

Figura 46 - Três fotos do look da dualidade “Autoridade e Submissão”



Já a dualidade luxo e simplicidade foi inspirada no contexto europeu da segunda metade do século XIV, quando leis suntuárias e um novo imaginário pós- peste negra impuseram uma estética mais contida. As elites, então, passaram a vestir peças pretas em tecidos nobres, como forma de ostentação silenciosa. O look criado para essa dualidade é um vestido longo de modelagem reta, com recortes laterais em chiffon contrastando com a parte frontal em sarja, que oferece estrutura. A gola foi finalizada com um ornamento que remete aos rufos, acessórios simbólicos de status social e poder durante a Renascença.

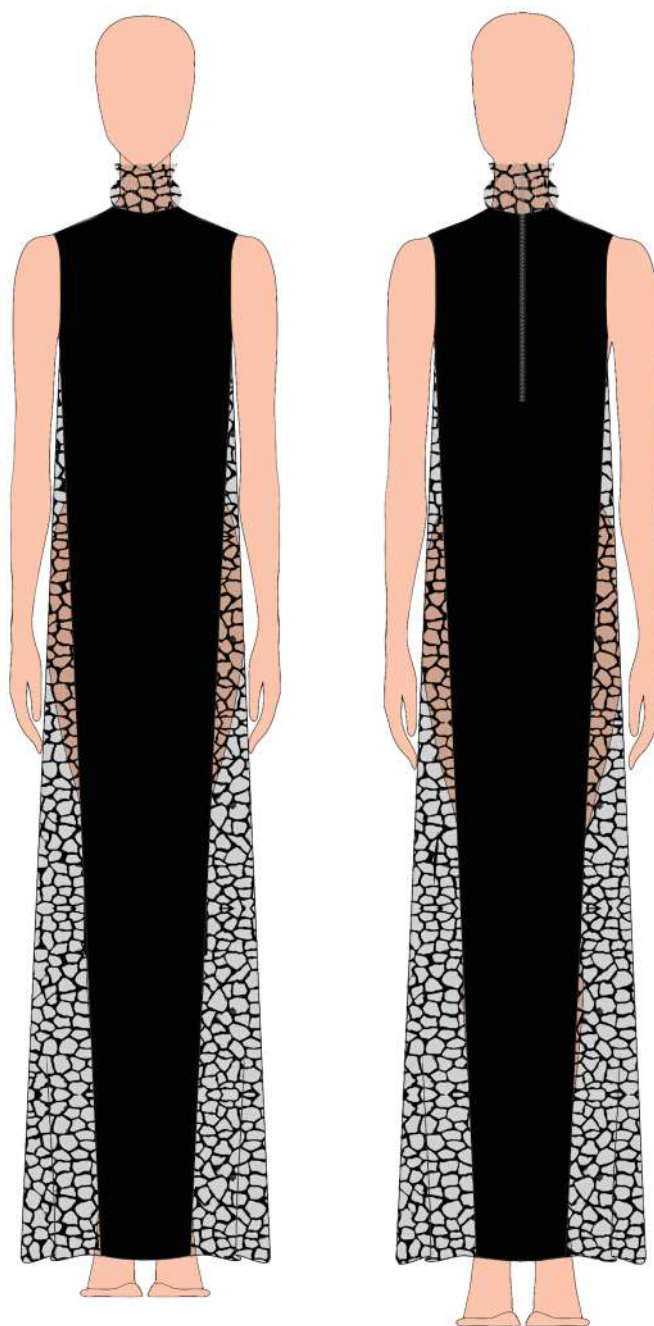
Para o desenvolvimento do vestido a escolha da sarja pura de algodão foi pensada por se tratar de um tecido comum em uma trama relativamente simples de ser encontrada, em contraste com as nesgas laterais que foram feitas em um chifon texturizado que traz o tom sofisticado do luxo. A gola foi desenvolvida em chiffon entretelado para oferecer estrutura, e foi utilizado um elástico que a mantém firme no pescoço.

LOOK 3

LUXO E SIMPLICIDADE

51

Figura 48 - Croqui da dualidade luxo e simplicidade



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 49 - Foto do molde da frente do vestido



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 50 - Foto do molde das costas do vestido



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 51 - Foto do molde das nesgas do vestido



Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 52 - Foto do molde da gola do vestido



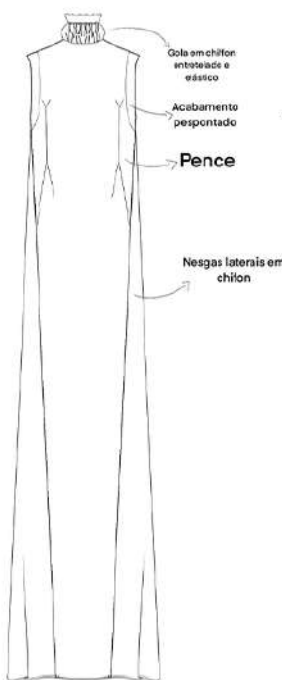
Fonte: O próprio autor, 2025.

Figura 53 - Ficha Técnica do vestido

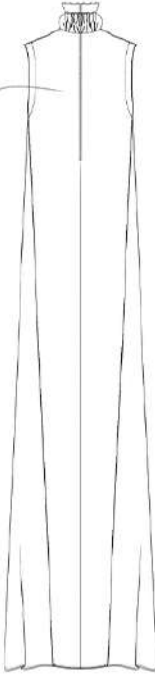
KURÔ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Vestido	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG



FRENTE



COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Sarja	100% algodão	Preto	Paranatex	1,50
	Chiffon Skin	100% poliéster	Preto	ACT	1,47

Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Alpino	Elástico	100% poliéster	Preto	0,9 cm	0,66m
Alpino	Zipper	100% poliéster	Preto	45cm	1

Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 54 - Foto do vestido pronto.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 55 - Foto lateral do vestido.



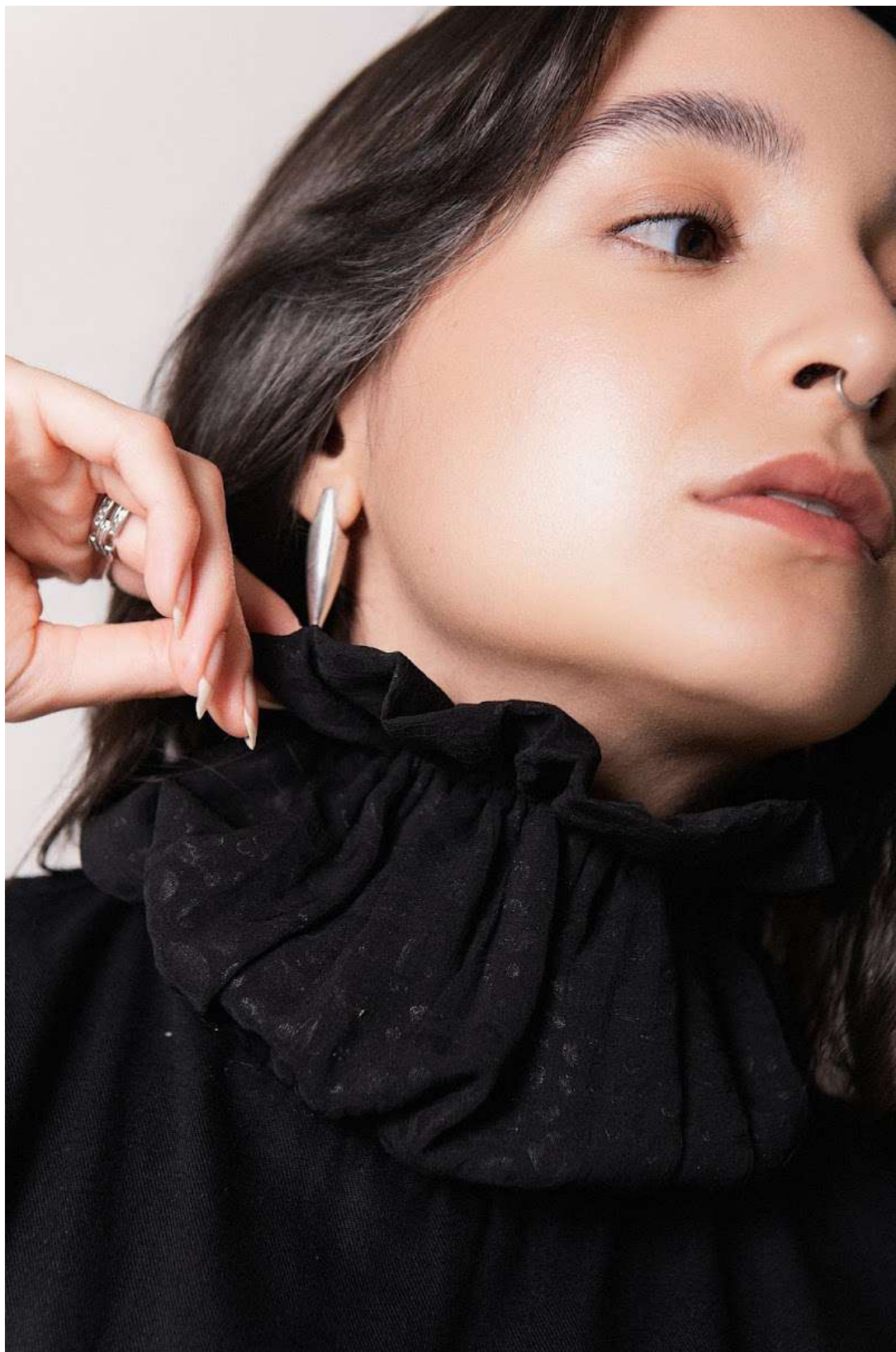
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 56 - Foto das costas do vestido



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 57 - Foto da gola do vestido.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 58 - Três fotos do vestido completo.



Fonte: o próprio autor, 2025.

O desenvolvimento do look referente à dualidade repressão e liberdade partiu da análise dos uniformes militares japoneses, utilizados como símbolo visual de disciplina, controle e rigidez. Esses trajes, presentes no moodboard da dupla, orientaram a escolha das linhas estruturadas da calça, que recebe pregas frontais como elemento de conexão formal com o look feminino e masculino, estabelecendo diálogo interno entre as peças da coleção. As pregas, tradicionalmente associadas à ordem e ao alinhamento do corpo, reforçam a noção de contenção vinculada ao polo da repressão. Em contraste, a representação da liberdade aparece nas mangas amplas e rasgadas do top, cuja abertura intencional rompe a rigidez esperada de uma peça inspirada em uniformes. A recomposição dessas fendas por meio de alfinetes metálicos introduz um segundo nível de significado: o uso do alfinete, elemento marcante do movimento punk, ressignifica a ruptura como gesto político e estético. Assim, a combinação entre estrutura militar e intervenções punk materializa o tensionamento entre obediência e insubmissão, traduzindo visualmente o conflito simbólico entre repressão e liberdade proposto pela dualidade.

Figura 59 - *Moodboard* da dualidade Liberdade e Repressão.



Fonte: pinterest 2025, pinterest 2025, rodarte 2017, allinone baggaroo 2025, photography in japan 1868.

Figura 60 - Croqui da dualidade Liberdade e Repressão.



Fonte: o próprio autor, 2025.

O desenvolvimento do look correspondente à dualidade tradição e futuro partiu da articulação entre referências históricas do vestuário samurai e elementos estéticos associados ao avanço tecnológico iniciado com a Segunda Revolução Industrial. A silhueta ampla do conjunto resgata diretamente a tradição dos uniformes samurais, cujas sobreposições e volumes expressavam hierarquia, proteção e códigos sociais específicos. Ao mesmo tempo, o aspecto futurista emerge tanto da escolha cromática quanto dos materiais empregados: o preto, cor fortemente presente nas cidades industrializadas do século XIX, marcadas pelo carvão, pelo aço, pelo asfalto e pelos uniformes fabris, funciona aqui como metáfora visual da modernização acelerada. Para reforçar essa dimensão, foi selecionado um tecido de aspecto tecnológico, um corta-vento com estampa tridimensional, comumente associado ao vestuário esportivo contemporâneo, campo que concentra inovações de performance e experimentações materiais. Assim, o look busca tensionar passado e futuro ao unir uma base tradicional, inspirada nos samurais, a uma materialidade que aponta para a inovação, criando uma peça que sintetiza tanto a memória quanto a projeção do novo.

Para o desenvolvimento do casaco da dualidade foi utilizado o corpinho do colete da dualidade “Feminino e Masculino” como elemento de conexão e unidade da coleção. A manga do casaco foi desenvolvida com uma pence na parte interna do cotovelo que a confere o aspecto arredondado, e se conecta com a modelagem da calças da dualidade “Sagrado e Profano”.

64

Figura 62 - Croqui da dualidade Tradição e Futuro.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 63 - Foto do molde do casaco



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 64 - Foto do molde da calça



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 65 - Ficha Técnica do casaco

KURŌ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Casaco	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG

Aplicação de Tapes de proteção contra o vento e a umidade

Corteiro embutido

Pelica no alongo do subcorpo

Bainha simples

FRENTE

Bainha com dotada costurar na reta

COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Corta Vento 3D	100% poliéster	Preto	IMA TÊXTIL	1,50
Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade

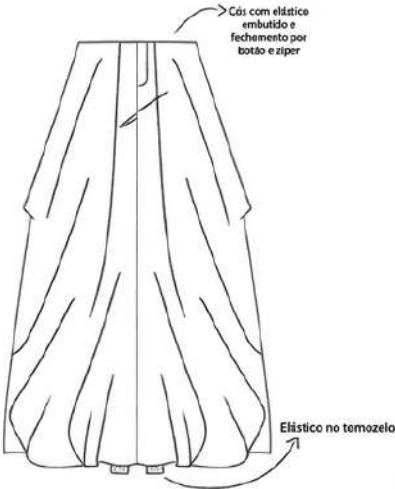
Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 66 - Ficha Técnica da calça

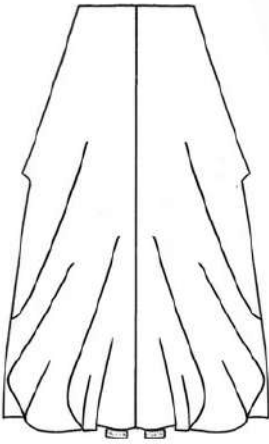
KURÔ

FICHA TÉCNICA

Empresa	KURO	Data	/ /
Peça	Calça	Modelista	Izabella e Rogério
Referência		Gradação	PP - GG



FRENTE



COSTAS

Observações:

Matéria Prima Principal					
Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
	Corta Vento 3D	100% poliéster	Preto	IMA TÊXTIL	1,50

Aviamentos					
Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Alpino	Elástico	100% poliéster	Branco	2,5 cm	0,6m
Alpino	Zíper	100% poliéster	Preto	18 cm	1
Alpino	Botão	Plástico	Preto	1 cm	2

Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 67 - Foto do casaco pronto



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 68 - Foto de detalhes do casaco



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 69 - Foto da calça pronta



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 70 - Foto do look completo



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 71 - Três fotos do look Tradição e Futuro completo.



Fonte: o próprio autor, 2025.

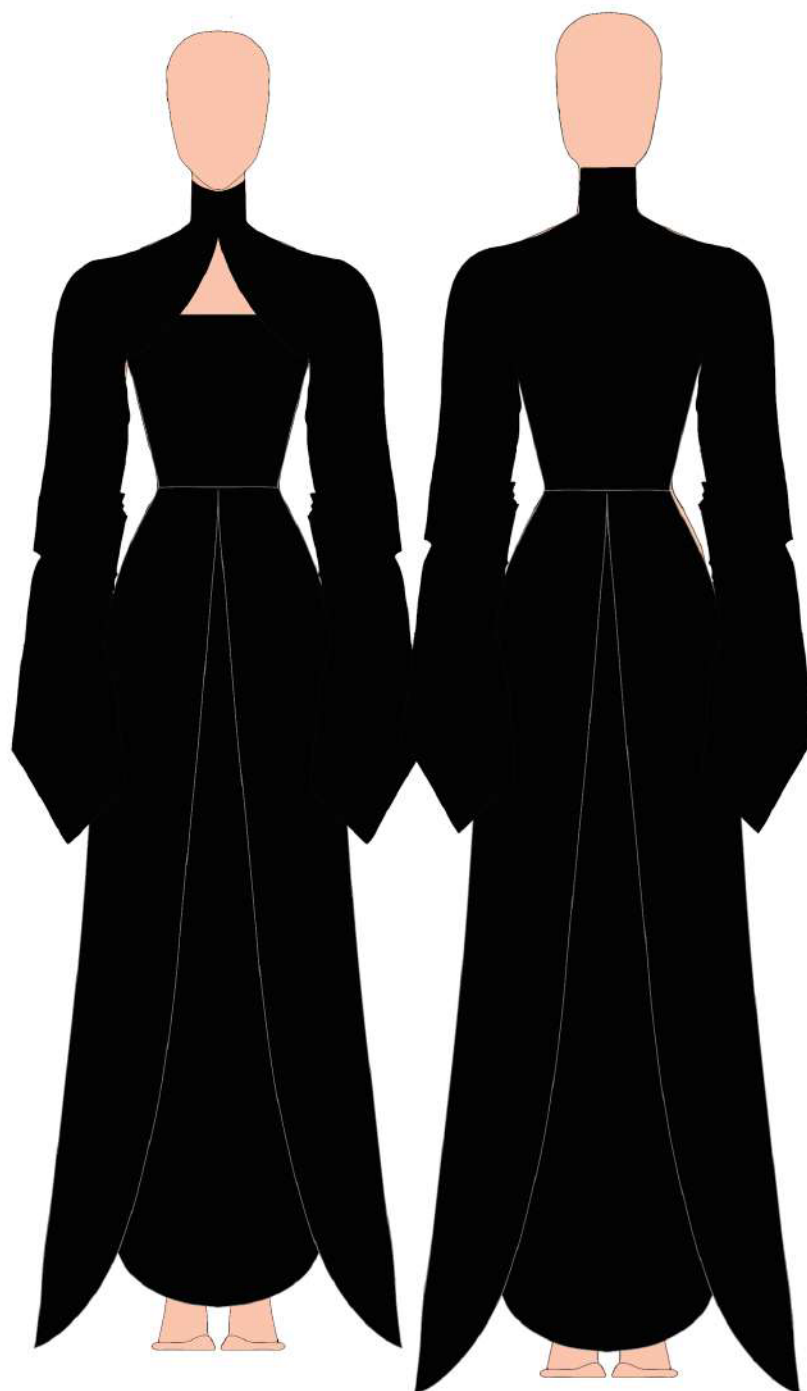
Para a construção do look referente à dualidade entre medo e respeito, a principal referência histórica mobilizada foi o período da Peste Negra, que acometeu a Europa e marcou um dos momentos mais sombrios da história ocidental. Nesse contexto, a cor preta era amplamente presente nos trajes dos médicos que atuavam durante a epidemia, simbolizando não apenas a morte, mas também a tentativa de proteção frente ao desconhecido. Como contraponto, o elemento do respeito foi construído a partir do traje dos magistrados, tradicionalmente caracterizado pela presença da capa preta, símbolo de autoridade e solenidade. A partir dessas referências, foi desenvolvido um vestido com mangas e gola removíveis. A peça apresenta uma sobreposição lateral que dialoga tanto com as vestes dos magistrados quanto com os trajes longos utilizados pelos médicos da peste. A manga acoplada à gola reforça essa relação com os dois universos, uma vez que ambos os trajes históricos possuíam mangas longas e estruturadas. A inserção da gola foi inspirada no elemento de sufocamento e vedação presente nas roupas dos médicos, que utilizavam máscaras e vestimentas fechadas como forma de proteção. A modelagem da manga utilizada neste look é a mesma empregada no casaco da dualidade “sagrado e profano”, estratégia adotada para manter um elemento de conexão formal entre as peças da coleção e reforçar a unidade estética do conjunto.

Figura 72 - Moodboard da dualidade Medo e Respeito



Fonte: Paulus Fürst Excud 1656, Nicolas Bonnart, Tomovyov 2024, autor desconhecido.

Figura 73 - Croqui da dualidade Medo e Respeito



Fonte: o próprio autor, 2025.

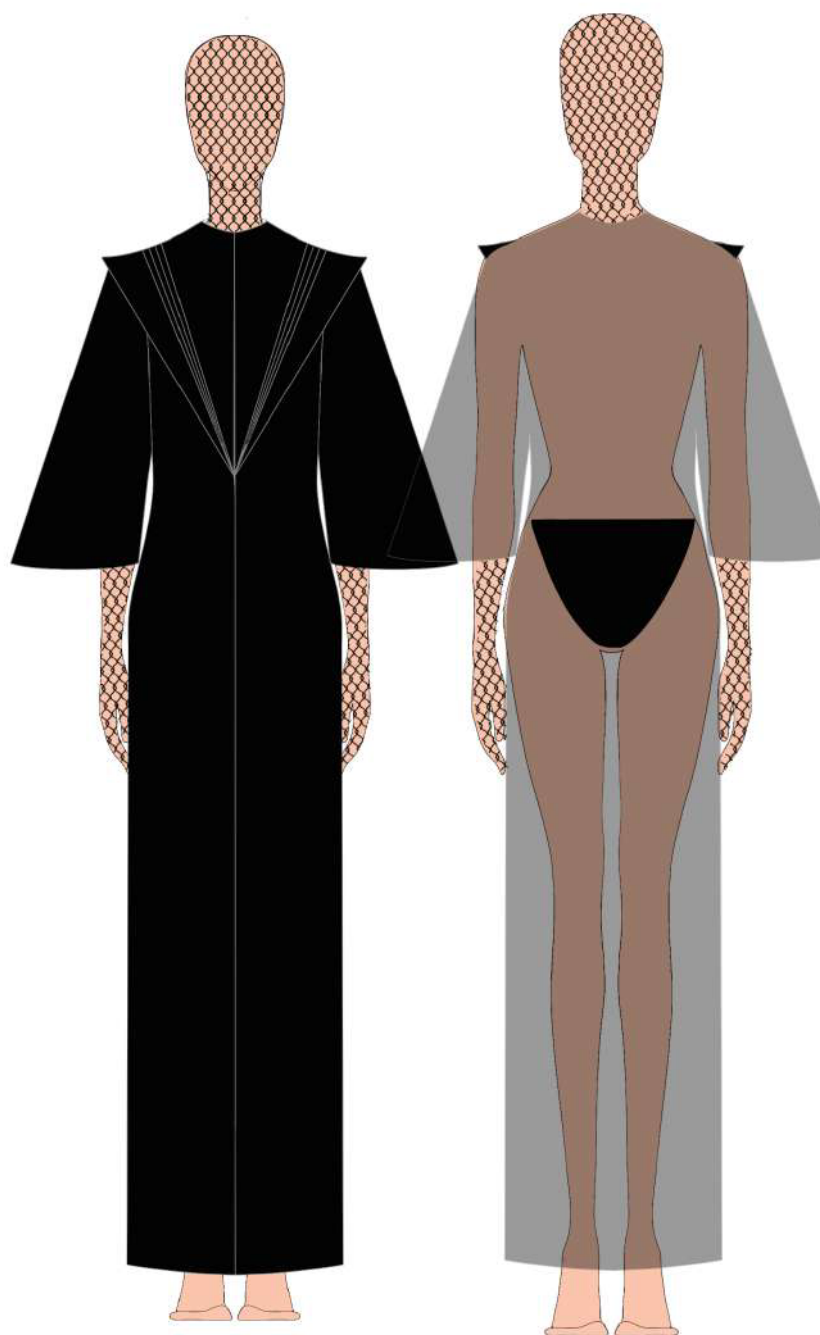
A dualidade ocultamento e revelação foi explorada a partir do comportamento visual do preto enquanto cor que, ao mesmo tempo em que apaga, evidencia. No vestuário, o preto atua como ferramenta de dissimulação ao uniformizar a silhueta e suavizar volumes, produzindo um efeito de neutralização do corpo e de apagamento da individualidade. No entanto, paradoxalmente, essa mesma ausência de cor desloca o olhar para outros aspectos fundamentais da roupa, como a estrutura, o desenho da modelagem, a textura dos materiais e os detalhes construtivos, potencializando a leitura da forma. Assim, o preto não apenas esconde, mas também revela, ao tornar visível aquilo que não depende da cor para existir. Para a construção do vestido foi utilizado na parte da frente um tecido preto opaco com o objetivo exatamente de ocultar a forma do corpo. A modelagem do vestido foi baseada no casaco da dualidade “Repressão e Liberdade” mantendo a unidade da coleção. Já para as costas do vestido foi utilizada uma organza que revela por completo a forma do corpo, em contraponto com a frente que o oculta. Essa ambiguidade foi reforçada por meio dos acessórios desenvolvidos para o look, como as luvas e a balaclava em tela, materiais que operam exatamente nesse limiar entre esconder e expor, pois obscurecem parcialmente o corpo, mas permitem que ele continue visível através da transparência, intensificando visualmente a tensão entre proteção, apagamento e exposição.

Figura 74 - Moodboard da dualidade Ocultamento e Revelação



Fonte: AF. VANDEVORST. 2012, Tomovoyov 2024, Claudia Casarino 2017, Givenchy, Liu Bolin.

Figura 75 - Croqui da dualidade Ocultamento e Revelação



Fonte: o próprio autor, 2025.

A dualidade entre presença e ausência tem como ponto de partida a oposição entre pigmento e luz. Do ponto de vista da pigmentação, o preto é compreendido como a soma de todas as cores, resultado da sobreposição cromática que simboliza totalidade, densidade e presença absoluta. Já sob a ótica da física da luz, o preto representa o extremo oposto: a ausência completa de luminosidade, um vazio visual no qual nenhuma radiação é refletida. Essa tensão conceitual foi traduzida no look por meio da relação entre forma, materialidade e transparência. A calça foi desenvolvida em tecido preto opaco, reforçando a ideia do preto como presença plena e material. As pregas frontais, elemento recorrente em outros looks da coleção, adquirem aqui um novo significado ao remeterem ao espectro de cores da luz ao atravessar o prisma, em referência direta ao sistema proposto por Isaac Newton. Em contraponto, a blusa é confeccionada em organza transparente, também com plissado frontal, apropriando-se da leveza e da translucidez do material para simbolizar a ausência. A transparência permite que o corpo se torne visível por meio da própria falta de opacidade, reforçando visualmente a ideia de ausência associada à luz. Assim, o look estabelece um diálogo direto entre densidade e vazio, opacidade e transparência, materialidade e imaterialidade, fazendo com que presença e ausência coexistam na mesma construção formal.

Figura 76 - Moodboard da dualidade Presença e Ausência.



Fonte: John Batho 1990, Flávio Trevisan, Johann Friedrich Christian Weneburg 1817, Yabina, Moses Harris, Autor Desconhecido.

Figura 77 - Croqui da dualidade Presença e Ausência.



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 78 - Painel da coleção completa



Fonte: o próprio autor, 2025.

Figura 79 - Cartela de tecidos utilizados



Fonte: o próprio autor, 2025.

2.3 RESULTADOS

A etapa de desenvolvimento da coleção permitiu verificar, na prática, a efetividade das escolhas conceituais, estéticas e técnicas realizadas ao longo da pesquisa. Durante o processo de modelagem e construção das peças, foram identificados desafios significativos relacionados principalmente à escolha de materiais e à adequação dos tecidos às propostas visuais de cada dualidade. A princípio, o projeto previa a utilização de um único tecido para toda a coleção, a fim de garantir uniformidade de tom. No entanto, ao avançar na pesquisa conceitual, tornou-se evidente que essa decisão limitaria a possibilidade de expressar a pluralidade simbólica do preto. Por essa razão, optou-se pela adoção de diferentes materiais, texturas e gramaturas, o que enriqueceu tanto a narrativa da coleção quanto seu resultado estético e técnico.

Ao longo do processo, pequenas alterações foram feitas nas modelagens para aperfeiçoar o caimento e garantir fidelidade aos croquis. A busca por tecidos de qualidade que não comprometessem o resultado final foi um dos maiores desafios enfrentados. Ainda assim, os quatro looks confeccionados, relativos às dualidades “feminino e masculino”, “tradição e futuro”, “autoridade e submissão” e “luxo e simplicidade”, apresentaram resultados positivos, tanto visual quanto tecnicamente. A escolha do acabamento interno com viés vermelho, inspirado nos detalhes tradicionais do vestuário japonês, contribuiu para reforçar as referências estéticas da marca KURO e agregou sofisticação ao acabamento das peças.

Algumas dualidades se mostraram mais difíceis de traduzir visualmente, especialmente “ocultamento e revelação” e “ausência e presença”, devido à proximidade conceitual entre ambas. Isso demandou revisões no processo criativo e maior aprofundamento teórico. Em contraste, outras dualidades apresentaram soluções inesperadamente eficazes, como “tradição e futuro”, cuja atmosfera futurista foi alcançada com o uso de um tecido tecnológico com superfície 3D, remetendo diretamente à estética esportiva e ao avanço material contemporâneo, sem perder o vínculo com referências tradicionais, como os uniformes samurais.

A unidade estética da coleção foi reforçada pelo reaproveitamento estratégico de modelagens entre os looks. O corpinho do colete de “feminino e masculino” serviu de base para a jaqueta de “tradição e futuro”, a modelagem da blusa de “repressão e liberdade” foi adaptada para compor o vestido de “ocultamento e revelação”, para a dualidade “medo e respeito” foi

utilizada a mesma modelagem da manga do look de “sagrado e profano”. Além disso, a seleção de tecidos foi pensada de modo a criar conexões visuais consistentes. O resultado final demonstrou coerência entre os desenhos e as peças produzidas, evidenciando precisão no processo projetual.

A construção simultânea do branding da marca KURO também se manteve coerente com a proposta da coleção, reforçando o alinhamento entre conceito, estética e produto. O minimalismo, central na identidade da marca, manifestou-se nas escolhas de materiais opacos, na ausência de texturas marcantes e nas modelagens de linhas retas, o que contribuiu para consolidar a estética desejada para a primeira coleção da marca.

2.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados evidencia um avanço significativo tanto no domínio técnico da construção do vestuário quanto no aprofundamento conceitual necessário para uma coleção fundamentada em pesquisa histórica e simbólica. O projeto revelou a importância dos acabamentos internos, da coerência de materiais e da repetição intencional de elementos formais como estratégias fundamentais para consolidar a identidade da coleção. Esse processo proporcionou maior maturidade criativa, ampliando o repertório projetual e fortalecendo habilidades essenciais ao design de moda.

A principal mudança metodológica, abandonar a ideia inicial de utilizar apenas um tecido, mostrou-se crucial para a eficácia conceitual da coleção. Ao recorrer a uma diversidade de materiais, tornou-se possível expressar de forma mais clara a pluralidade simbólica do preto, tema central do trabalho. Essa decisão reforçou a compreensão de que a materialidade não é apenas suporte da forma, mas parte integrante do discurso de um projeto de moda conceitual.

A tradução visual das dualidades mostrou-se, de modo geral, satisfatória. O livro **Preto: História de uma Cor**, de Michel Pastoureau, teve papel fundamental na definição das dualidades e na estruturação da fundamentação teórica que sustentou o processo criativo. Os significados selecionados foram incorporados de maneira coerente aos looks, como exemplifica a dualidade “sagrado e profano”, cujo uso do sátiro como símbolo profano permitiu explorar soluções de design integradas, a modelagem barril influenciada pelo design japonês e o uso do tecido de pêlo, que reforça o sentido mitológico e a atualização estética.

Do ponto de vista formativo, o processo evidenciou uma evolução perceptível enquanto designer. A orientação e as devolutivas da banca intermediária permitiram que pontos inicialmente negligenciados, como acabamentos, coerência interna da coleção e unidade estética, fossem revisados e aprimorados. Essa ampliação de visão se refletiu no resultado final e contribuiu para um desenvolvimento pessoal e profissional mais consistente.

A metodologia adotada pode ser considerada acertada para um projeto que articula história da moda, simbolismo e design. O equilíbrio entre referências teóricas e visuais permitiu que as escolhas de modelagem, materialidade e estética fossem feitas de modo fundamentado. A construção simultânea da identidade da marca KURO e da coleção contribuiu para garantir coesão entre discurso e produto, reforçando a pertinência do conceito escolhido para além do TCC.

Por fim, os resultados alcançados abriram caminhos para desdobramentos futuros. Há interesse em aprofundar a pesquisa material, explorando novas texturas, fibras e tecnologias que possam expandir as possibilidades expressivas do preto dentro da estética da marca. Esse movimento aponta não apenas para a continuidade do projeto, mas para o aprofundamento da linguagem autoral que se consolidou ao longo do processo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, avalia-se que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória. A própria coleção desenvolvida constitui a principal evidência desse resultado, uma vez que os conceitos teóricos, históricos e simbólicos investigados ao longo da pesquisa se materializam nos looks, não de maneira literal, mas por meio de interpretações visuais que permitem a compreensão dos significados quando analisados em conjunto com seus respectivos conceitos. As referências históricas e estéticas estão presentes nas peças de forma sensível e autoral, comprovando a efetividade da tradução da pesquisa teórica para o vestuário.

Durante o processo, uma das principais dificuldades enfrentadas esteve relacionada à escolha dos materiais. Encontrar tecidos que apresentassem a qualidade desejada e que, ao mesmo tempo, atendessem às exigências estéticas e técnicas de cada look mostrou-se um desafio recorrente. Na dualidade “luxo e simplicidade”, por exemplo, havia inicialmente a intenção de utilizar seda pura nas nesgas da peça, porém a limitação de fornecedores e a ausência da textura pretendida no chiffon de seda disponível levaram à substituição pelo chiffon sintético

com textura. Essas restrições evidenciaram a dependência da criação de moda em relação às possibilidades concretas do mercado de materiais.

Ainda assim, considera-se que a pesquisa teórica foi satisfatoriamente traduzida para o vestuário. Cada peça foi construída a partir de um significado específico, e esse exercício de atribuir intenção a todas as escolhas de modelagem, material, acabamento e composição mostrou-se um dos maiores ganhos do processo. Trabalhar durante um ano inteiro no desenvolvimento de uma única coleção proporcionou um aprofundamento incomum, permitindo atenção detalhada a todas as etapas, desde a pesquisa inicial até a produção das peças e o registro fotográfico final.

A KURO se apresenta, neste momento, como uma marca-laboratório. Embora tenha sido possível estruturar conceitualmente seu posicionamento e identidade, ainda seria necessário compreender melhor a viabilidade produtiva da marca em escala real, especialmente considerando os materiais que se pretende utilizar. O projeto revelou também uma limitação relacionada ao desenvolvimento de superfícies. Havia a intenção de explorar mais aplicações de design de superfícies nas peças, mas isso não foi possível dentro dos limites deste trabalho.

Do ponto de vista formativo, este projeto representou um avanço significativo na construção do olhar crítico e técnico enquanto designer de moda. O desenvolvimento das peças, a necessidade de justificar conceitualmente cada escolha e o diálogo constante entre teoria e prática foram fundamentais para esse amadurecimento. Acredita-se, inclusive, que o trabalho atingiu e superou o nível acadêmico, conceitual e teórico inicialmente esperado.

Quanto aos desdobramentos futuros, ainda não há uma decisão definitiva sobre a implementação da marca KURO no mercado após a formatura. Considera-se que, no contexto atual de Belo Horizonte, poderia haver dificuldades para atingir plenamente o público-alvo idealizado. No entanto, há a intenção de seguir atuando na indústria da moda, aprofundando a vivência em todas as etapas do processo de construção de uma coleção, com o objetivo de ampliar ainda mais a visão técnica, criativa e estratégica como designer.

REFERÊNCIAS

- AF. VANDEVORST. 2012. 1 fotografia. Disponível em: <https://vogue.com.tr/galeri/af-vandevorst-2012-2013-sonbaharkis>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.
- ALAÏA. **Otoño-invierno 2024-25**. 1 fotografia. Disponível em: ['Chic Desert Aunt' es la tendencia de TikTok más viral y curiosa del verano | Vogue España](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.
- ALLINONE BAGGAROO. **Colete**. 1 fotografia. Disponível em: https://rnow.noctivaga.click/index.php?main_page=product_info&cPath=253&products_id=224783. Acesso em: 29 de setembro de 2025.
- ALPHA. **Outono/Inverno 2024/2025**. 1 fotografia. Disponível em: <https://de.fashionnetwork.com/fotogalerien/photos/Alpha.53206.html>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.
- Anubis God of Death 9**. 1 carta de jogo. Disponível em: tumbex.com/fremen.tumblr/post/652707162263601152. Acesso em: 24 nov. 2025.
- ARAÚJO, Izabel Antonina de [et al.]. **Diretrizes para normalização de trabalhos acadêmicos da UFMG** [recurso eletrônico] : trabalhos de conclusão de curso, monografias de especialização, dissertações e teses-- Belo Horizonte: RI-UFMG, 2022. Recurso on-line (32 p. : il., pdf).
- A.W.A.K.E. MODE RESORT 2019**. 2018. Collection #11. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/resort-2018/a-w-a-k-e/slideshow/collection#11>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.
- BALENCIAGA. **Fall 2022 Ready-to-Wear Collection**. Vogue, 6 mar. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2022-ready-to-wear/balenciaga>. Acesso em: 24 novembro de 2025.
- BALENCIAGA. **Fall 2022 Ready-to-Wear Collection**. Vogue, 6 mar. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2022-ready-to-wear/balenciaga>. Acesso em: 24 novembro 2025.
- BATHO, John. Present and Absent. 1990. 2 fotografias. Disponível em: <https://rolloroberson.tumblr.com/post/190358901143/john-batho-present-and-absent>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.
- BENNETT, Terry, **Photography in Japan 1853-1912**. North Clarendon: Tuttle Publishing, 2014.
- Bodi Tribe woman**. Alamy. 1 fotografia. Disponível em: <https://ngwesa.blogspot.com/2013/04/bodi-tribe-woman-from-ethiopias-omo.html> Acesso em: 24 novembro 2025.

BOF – BUSINESS OF FASHION. *Yohji Yamamoto: Fashion's Master of Darkness*. Disponível em: <https://www.businessoffashion.com>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

BONNART, Nicolas. *Robe Du Palais*. 1 imagem. Disponível em: <https://collections.lacma.org/node/208093>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

BRODBECK, Rafael Vitola. **Bênção da pedra fundamental de novo mosteiro beneditino na França**. SALVEM A LITURGIA!, 24 abr. 2010. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.salvemaliturgia.com/2010/04/bencao-da-pedra-fundamental-de-novo.html>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

CA, Dakar. *The Elegant Senegal*. 1 fotografia. Disponível em: early 20th century Senegal portraits by Mama Casset – Soul Safari. Acesso em: 30 de junho 2025.

CAPPARONI, Giuseppe. *Conservatore Nelle Cappello*. 1827. 1 ilustração. Disponível em: The Conservator in the Chapels by Giuseppe Capparoni (1827) : Print Engraving - Singulart. Acesso: 30 de junho 2025.

CARVALHO, Bruna. **Desconstrução e a Vanguarda na Moda de Yohji Yamamoto**. 2019. Tese (Doutorado em Design de Moda) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CÉLINE. *Fall/Winter 2017*. 1 fotografia. Disponível em: [40 Looks From Céline Fall 2017 PFW Show - Céline Runway at Paris Fashion Week](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

CHUN JIN AND BINGBIN CHEN. *Pleats Please*. 2020. 1 fotografia. Disponível em: ["Pleats Please" Chun Jin 春瑾 and Bingbin Chen lensed by Zeng Wu for T Magazine China — Asiatorialist](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

CASARINO, Claudia. *Iluminando La Ausencia*. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.trendvisionforecasting.com/macrotrends-tags/11>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

Dois Cavalheiros em Trajes Formais. 1 fotografia. SANCHES, Matheus. O legado do dandismo negro no Met Gala 2025. Not The Samo, 5 maio 2025. Disponível em: <https://notthesamo.com/zine/o-legado-do-dandismo-negro-no-met-gala-2025>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

DOLCE & GABBANA. **Look da Coleção Alta Sartoria 2019**. 2019. 1 fotografia. COVET MAGAZINE. Dolce & Gabbana – Alta Sartoria'19. Covet Magazines 13 dez. 2019. Disponível em: <https://covetmagazines.com/dolce-gabbana-alta-sartoria/>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

EXCUD, Paul Fürst. **Doctor Schnabel**. 1656. 1 imagem. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_F%C3%BCrst,_Der_Doctor_Schnabel_von_Rom_\(coloured_version\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_F%C3%BCrst,_Der_Doctor_Schnabel_von_Rom_(coloured_version).png). Acesso em: 24 novembro de 2025.

Ford Assembly Line. 1913. 1 fotografia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ford_assembly_line_-_1913_\(restored\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ford_assembly_line_-_1913_(restored).jpg). Acesso em: 24 novembro de 2025.

FUJIWARA, Misako. *The Concept of Minimalism in Japanese Fashion. Textile and Fashion Research Journal*, v. 18, n. 3, p. 103–119, 2018.

GAULTIER, Jean Paul. **Haute Couture 2024**. 2024. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.co.kr/article/1860617>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

GIVENCHY. 1 fotografia. Disponível em: <https://tr.pinterest.com/pin/796785359113337572/>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.

GIVENCHY. 1 fotografia. Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/1087126797567404387/>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.

GOYA, Francisco de. **El Aquelarre**. 1798. Óleo sobre tela, 43,5 cm x 30,5 cm. Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/el-aquelarre>. Acesso em: 24 de novembro 2025.

GRANGER COLLECTION. **Hine Child Labor**, 1908. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.amazon.com/-/es/Infantil-Barredora-Supervisor-Lancaster-Encontrados/dp/B07D6659M7>. Acesso em: 24 novembro 2025.

HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

HARRIS, Moses. *The Natural System of Colours and Ignaz Schiffermüller*. 1772. 1 fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moses_Harris,_The_Natural_System_of_Colours.jpg. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

HASEGAWA, Teruhiro. **Ready to Wear Fall 2014**. 1 fotografia. Disponível em: [Central Saint Martins RTW Fall 2014](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

HERMÈS. **Fall 2022 Ready-to-Wear Collection**. Vogue, 5 mar. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2022-ready-to-wear/hermes>. Acesso em: 24 novembro de 2025.

HOLLAR, Wenceslaus. **Ordinis Benedictini Monachus**. Disponível em: File:Wenceslas Hollar - Ordinis Benedictini Monachus (State 3).jpg - Wikimedia Commons. Acesso em: 30 de junho 2025.

KAIROATELIER. **Kairoatelier 2-piece pants**. Placefox.baby. 1 fotografia. Disponível em: https://getbin.placefox.baby/index.php?main_page=product_info&products_id=2033378&r=. Acesso em: 24 novembro de 2025.

KHOKI. **Fall 2023**. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/tokyo-fall-2023/khoki/slideshow/collection#1>. Acesso em 24 de novembro de 2025.

Kimonos and Yukata. 1 fotografia. Disponível em: [PPT - Kimonos and Yukata PowerPoint Presentation, free download - ID:1762216](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

KOREAN LOVE. **Japonia**. 1 fotografia. Disponível em: <https://papercogitations.wordpress.com/tag/japonia/>. Acesso em 24 de novembro de 2025.

LIU BOLIN. **Invisível**. Disponível em: <https://arteseemfronteiras.com/o-homem-invisivel-liu-bolin/>. Acesso em 24 de novembro de 2025.

MAISON RABIH KAYROUZ. 1 fotografia. Disponível em: <https://id.fashionnetwork.com/galleries/photos/Maison-Rabih-Kayrouz,41835.html>. Acesso em: 30 de novembro de 2025.

MARNI. **2016 Spring Summer**. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.denimjeansobserver.com/mag/2015/09/29/marni-2016-spring-summer-womens-milan-moda-collezione-fashion-pinafore-dress-apron-sequins-mesh-straps-cutout-denim-jeans-observer/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

NADAR. **Portrait of Tanabe Yasukazu, Magistrate for Foreign Countries, Second Japanese Embassy to Europe**. 1864. 1 fotografia: impressão em albumina. TOKYO PHOTOGRAPHIC ART MUSEUM. 1864. Disponível em: <https://museumcollection.tokyo/en/works/6259169/>. Acesso em: 24 novembro 2025.

NARZISS RENNER. **Matthäus Schwarz**. 1 pintura. Disponível em: <https://fashionhistory.fitnyc.edu/1510-1519/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

NIKE. 1 fotografia. Disponível em: <https://kr.pinterest.com/pin/883479651925052676/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

PASTOREAU, Michel. **Preto: a história de uma cor**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

PERKINS, Jennifer. **Victorian Mourning**. t. Louis Mourning Society. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/mourningsocietystl/>. Acesso em: 24 de novembro 2025.

PINTEREST. 1 fotografia. Disponível em: <https://pin.it/56lCxzc5r>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

PINTEREST. 1 fotografia. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/558235316334549453/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

PINTEREST. 1 fotografia. Disponível em: <https://jp.pinterest.com/pin/742742163541207293/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

PIRES, Helena. **O Preto como Linguagem Estética: Uma Análise do Design de Yohji Yamamoto**. 2018. Tese (Doutorado em Design) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

Presidente Saulo Benevides empossa os novos juízes. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.tjpb.jus.br/noticia/presidente-do-tribunal-de-justica-empossa-seis-novos-juizes-sustitutos>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.

OWENS, Rick. **Primavera/Verão 2022**. 1 fotografia. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/galleries/photos/Rick-Owens,42584.html>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

Regal Japanese Kimino in Traditional Setting. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1022560929298411/posts/1133427624878407/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

ROCHA, Simone. **Look da Coleção Fall/Winter 2023**. 2023. 1 fotografia. SACAL, Andrea. Simone Rocha Built Her Own Sinister Dollhouse for FW23. Hypebeast, 18 fev. 2023.

Disponível em:

<https://hypebeast.com/2023/2/simone-rocha-fall-winter-2023-london-fashion-week-runway>.

Acesso em: 24 novembro de 2025.

ROCHA, Simone. **Look da Coleção Spring/Summer 2022**. 2021. 1 fotografia.

STORMEZAND, Marjolein. London Fashion Week recap: modetrends lente/zomer 2022

opgesomd. ELLE (Holanda), 23 set. 2021. Disponível em:

<https://www.elle.com/nl/mode/fashion-week/g37659437/london-fashion-week-modetrends-lente-zomer-2022/>. Acesso em: 24 novembro 2025.

RODARTE. **Spring 2017**. 1 fotografia. Disponível em: [Pin](#)

<https://cz.pinterest.com/pin/592645632252348211/m> Napadyyy. 30 de junho 2025.

ROMAN, Bartolome. **Saint Peter Celestine, Pope**. 1 pintura. Disponível em: 'Saint Peter

Celestine, Pope', First quarter 17th century, Spanish School, Oil ... Painting by Bartolome

Roman -c 1587-1647- - Fine Art America. Acesso: 30 de junho 2025.

STUCK, Franz von. **Satyr with flute**. 1894. Disponível em: Satyr with Flute - Kunkel Fine

Art. Acesso em: 30 de junho 2025.

TAPPER, Harris. **Look com Capa Preta e Gola Alta**. 1 fotografia. Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/558235316334562483/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

THE MET MUSEUM. **Japan in the Avant-Garde: Yohji Yamamoto and Beyond**. Disponível

em: <https://www.metmuseum.org>. Acesso em: 15/11/2024.

THE MET MUSEUM. **Kimono**. 1 fotografia. Disponível em: [Kimono - Japanese - The](#)

[Metropolitan Museum of Art](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

TOKYO ART BEAT. **Tracy Jones 2012**. 1 fotografia. Disponível em: [Tokyo Photo 2012 |](#)

[Tokyo Art Beat](#). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

TOMOVYOV. **Fear is the little death that brings obliteration**. 2024. 1 fotografia. Disponível

em: https://www.instagram.com/p/C4qRM4itPED/?img_index=1. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

TREVISAN, Flavio. **CMYK**. 1 imagem. Disponível em:

<https://frgtwn.com/product/flavio-trevisan-cmyk-%E2%86%91%E2%86%93%E2%86%90%E2%86%92-cmyk-up-down-side-to-side-signed/>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

TSUDA, Aiko. **Rethinking Japanese Minimalism: A Study of Yohji Yamamoto's Simplicity**.

Asian Aesthetics Review, v. 6, n. 3, p. 45-60, 2017.

VALENTINO. **Inverno 2024**. Vogue, 3 mar. 2024. 1 fotografia. Disponível em:

<https://vogue.globo.com/desfiles/noticia/2024/03/valentino-or-paris-or-inverno-2024.ghtml>.

Acesso em: 24 novembro de 2025.

Vera Wang Spring 2019. 2019. 1 fotografia. Disponível em: Vera Wang Spring 2019

Ready-to-Wear Fashion Show | Vogue. Acesso: 30 de junho 2025.

Victoria mourning fashion. Harper's Bazaar. 1891. Disponível em: Debunking the Myth of

19th-Century 'Tear Catchers' - Atlas Obscura. Acesso em: 30 de junho 2025.

WERNEBURG, Johann Friedrich Christian. 1817. 1 imagem. Disponível em: <https://notonlychemistry.wordpress.com/2014/10/31/science-drawings-at-the-royal-society/>. Acesso em 24 de novembro de 2025.

YABINA. *Ruffled Lace Trims*. 1 fotografia. Disponível em: https://es.pinterest.com/pin/AUp20PMUwtfcsikRADk-7ImGqkzt2YjwxqN2Gn1OuPDOwHl8I8kLNEmW6EUMfvI9U30ou2Nxi03N02_EYw2hzbQ/. Acesso em 24 de novembro de 2025.

YAMAMOTO, YOHJI. *Fall 2019*. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.nssmag.com/en/fashion/31236/nun-core-dark-minimalism#article-31236-25>. Acesso em 24 de novembro de 2025.

ZHENG, Courtney. *Heidi Pleated Kilt Maxi Skirt*. 2025. 1 fotografia. Disponível em: Heidi Pleated Kilt Maxi Skirt – Courtney Zheng. Acesso: 30 de junho 2025.

